

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

Multiplicação dos pães

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO VINTE E TRÊS)

Contato: Fones 19 (R) 33829162 (R) 3433-8679 -
997818905

Piracicaba – SP

Piracicaba Maio 2021

ÍNDICE

BÍBLIA Mateus 14 v13 a 21.....	03
BÍBLIA Marcos 6 v30.....	03
BÍBLIA Marcos 8 v.1.....	04
BÍBLIA Lucas 9 v.1 0.....	05
BÍBLIA João 6 v1.....	05
BÍBLIA II Reis 4 v42.....	06
A DIVINA EPOPÉIA.....	07
A GÊNESE.....	13
A SOMBRA DO OLMEIRO.....	14
ALERTA.....	17
ANTÔNIO DE PÁDUA.....	18
DE FRANCISCO DE ASSIS PARA VOCÊ.....	19
ENCONTROS COM JESUS.....	20
ESTUDOS ESPÍRITAS DO EVANGELHO (6 DE 7).....	28
FONTE VIVA.....	29
HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO.....	30
JESUS PERANTE A CRISTANDADE.....	33
NA SEARA DO MESTRE.....	34
O ESPÍRITO DO CRISTIANISMO.....	36
O LIVRO DOS EVANGELHOS.....	42
O PASSE ESPÍRITA.....	43
OS MILAGRES DE JESUS.....	43
PONTOS E CONTOS.....	44
REVISTA ESPÍRITA 1859.....	45
SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO.....	46
UM NOVO OLHAR SOBRE O EVANGELHO.....	47
UMA ANÁLISE CRÍTICA DA BÍBLIA.....	47
GENERALIDADE E CONCORDÂNCIA DOS ESPÍRITOS.....	48

BÍBLIA

João Ferreira de Almeida

S. MATEUS, 14 V13 Á 21

A primeira multiplicação dos pães e peixes

13. E Jesus, ouvindo isso, retirou-se dali num barco, para um lugar deserto, apartado; e, sabendo-o o povo, seguiu-o a pé desde as cidades.
14. E Jesus, saindo, viu uma grande multidão e, possuído de íntima compaixão para com ela, curou os seus enfermos.
15. E, sendo chegada a tarde, os seus discípulos aproximaram-se dele, dizendo: O lugar é deserto, e a hora é já avançada; despede a multidão, para que vão pelas aldeias e comprem comida para si.
16. Jesus, porém, lhes disse: Não é mister que vão; dai-lhes vós de comer.
17. Então, eles lhe disseram: Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes.
18. E ele disse: Trazei-nos aqui.
19. Tendo mandado que a multidão se assentasse sobre a erva, tomou os cinco pães e os dois peixes, e, erguendo os olhos ao céu, os abençoou, e, partindo os pães, deu-os aos discípulos, e os discípulos, à multidão.
20. E comeram todos e saciaram-se, e levantaram dos pedaços que sobejaram doze cestos cheios.
21. E os que comeram foram quase cinco mil homens, além das mulheres e crianças.

MARCOS, 6 V 30 Á 44

A primeira multiplicação dos pães e peixes

30. E os apóstolos ajuntaram-se a Jesus e contaram-lhe tudo, tanto o que tinham feito como o que tinham ensinado.
31. E ele disse-lhes: Vinde vós, aqui à parte, a um lugar deserto, e repousai um pouco. Porque havia muitos que iam, e vinham, e não tinham tempo para comer.
32. E foram sós num barco para um lugar deserto.

33. E a multidão viu-os partir, e muitos os conheceram, e correram para lá, a pé, de todas as cidades, e ali chegaram primeiro do que eles, e aproximavam-se deles.
34. E Jesus, saindo, viu uma grande multidão, e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor; e começou a ensinar-lhes muitas coisas.
35. E, como o dia fosse já muito adiantado, os seus discípulos se aproximaram dele e lhe disseram: O lugar é deserto, e o dia está já muito adiantado;
36. despede-os, para que vão aos campos e aldeias circunvizinhas e comprem pão para si, porque não têm o que comer.
37. Ele, porém, respondendo, lhes disse: Dai-lhes vós de comer. E eles disseram-lhe: Iremos nós e compraremos duzentos dinheiros de pão para lhes darmos de comer?
38. E ele disse-lhes: Quantos pães tendes? Ide ver. E, sabendo-o eles, disseram: Cinco pães e dois peixes.
39. E ordenou-lhes que fizessem assentar a todos, em grupos, sobre a erva verde.
40. E assentaram-se repartidos de cem em cem e de cinquenta em cinquenta.
41. E, tomando ele os cinco pães e os dois peixes, levantou os olhos ao céu, e abençoou, e partiu os pães, e deu- os aos seus discípulos para que os pusessem diante deles. E repartiu os dois peixes por todos.
42. E todos comeram e ficaram fartos,
43. e levantaram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe.
44. E os que comeram os pães eram quase cinco mil homens.

MARCOS, 8 V.1 Á 9

A segunda multiplicação dos pães e peixes)

1. Naqueles dias, havendo mui grande multidão e não tendo o que comer, Jesus chamou a si os seus discípulos e disse-lhes:
2. Tenho compaixão da multidão, porque há já três dias que estão comigo e não têm o que comer.
3. E, se os deixar ir em jejum para casa, desfalecerão no caminho, porque alguns deles vieram de longe.

4. E os seus discípulos responderam-lhe: Donde poderá alguém satisfazê-los de pão aqui no deserto?

5. E perguntou-lhes: Quantos pães tendes? E disseram-lhe: Sete.

6. E ordenou à multidão que se assentasse no chão. E, tomando os sete pães e tendo dado graças, partiu-os e deu-os aos seus discípulos, para que os pusessem diante deles; e puseram-nos diante da multidão.

7. Tinham também uns poucos peixinhos; e, tendo dado graças, ordenou que também lhes pusessem diante.

8. E comeram e saciaram-se; e, dos pedaços que sobejaram, levantaram sete cestos.

9. E os que comeram eram quase quatro mil; e despediu-os.

LUCAS, 9 V.10 Á 17

A primeira multiplicação dos pães e peixes

10. E, regressando os apóstolos, contaram-lhe tudo o que tinham feito. E, tomando-os consigo, retirou-se para um lugar deserto de uma cidade chamada Betsaida.

11. E, sabendo-o a multidão, o seguiu; e ele os recebeu, e falava-lhes do Reino de Deus, e sarava os que necessitavam de cura.

12. E já o dia começava a declinar; então, chegando-se a ele os doze, disseram-lhe: Despede a multidão, para que, indo aos campos e aldeias ao redor, se agasalhem e achem o que comer, porque aqui estamos em lugar deserto.

13. Mas ele lhes disse: Dai-lhes vós de comer. E eles disseram: Não temos senão cinco pães e dois peixes, salvo se nós próprios formos comprar comida para todo este povo.

14. Porquanto estavam ali quase cinco mil homens. Disse, então, aos seus discípulos: Fazei-os assentar, em grupos de cinquenta em cinquenta.

15. E assim o fizeram, fazendo-os assentar a todos.

16. E, tomando os cinco pães e os dois peixes e olhando para o céu, abençoou-os, e partiu-os, e deu-os aos seus discípulos para os porém diante da multidão.

17. E comeram todos e saciaram-se; e levantaram, do que lhes sobejou, doze cestos de pedaços.

S.JOÃO, 6 V.1 Á 15

A multiplicação dos pães e peixes

1. Depois disso, partiu Jesus para o outro lado do mar da Galileia, que é o de Tiberíades.
2. E grande multidão o seguia, porque via os sinais que operava sobre os enfermos.
3. E Jesus subiu ao monte e assentou-se ali com os seus discípulos.
4. E a Páscoa, a festa dos judeus, estava próxima.
5. Então, Jesus, levantando os olhos e vendo que uma grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pão, para estes comerem?
6. Mas dizia isso para o experimentar; porque ele bem sabia o que havia de fazer.
7. Filipe respondeu-lhe: Duzentos dinheiros de pão não lhes bastarão, para que cada um deles tome um pouco.
8. E um dos seus discípulos, André, irmão de Simão Pedro, disse-lhe:
9. Está aqui um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas que é isso para tantos?
10. E disse Jesus: Mandai assentar os homens. E havia muita relva naquele lugar. Assentaram-se, pois, os homens em número de quase cinco mil.
11. E Jesus tomou os pães e, havendo dado graças, repartiu-os pelos discípulos, e os discípulos, pelos que estavam assentados; e igualmente também os peixes, quanto eles queriam.
12. E, quando estavam saciados, disse aos seus discípulos: Recolhei os pedaços que sobejaram, para que nada se perca.
13. Recolheram-nos, pois, e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que sobejaram aos que haviam comido.
14. Vendo, pois, aqueles homens o milagre que Jesus tinha feito, diziam: Este é, verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo.
15. Sabendo, pois, Jesus que haviam de vir arrebatá-lo, para o fazerem rei, tornou a retirar-se, ele só, para o monte.

II REIS, 4 V.42 Á 44

Vinte pães satisfazem cem homens

42. E um homem veio de Baal-Salisa, e trouxe ao homem de Deus pães das primícias, vinte pães de cevada e espigas verdes na sua palha, e disse: Dá ao povo, para que coma.

43. Porém seu servo disse: Como hei de eu pôr isso diante de cem homens? E disse ele: Dá-o ao povo, para que coma; porque assim diz o SENHOR: Comer-se-á, e sobejará.

44. Então, lhos pôs diante, e comeram, e deixaram sobejos, conforme a palavra do SENHOR.

A DIVINA EPOPÉIA

Francisco L. B. Sampaio

CANTO VI

Jesus resume em si a vida eterna

ARGUMENTO

A multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes. — Jesus, sabendo que pretendiam proclama-lo rei, retira-se sozinho para a montanha. — Ele caminha sobre o mar. — A moral que Jesus personifica é a fonte de todo o progresso e o caminho que leva á perfeição; ela conduz o espírito a libertar-se da encarnação material. — Murmurações dos Judeus contra o que Jesus acabava de dizer. — Ninguém viu o Pai senão aquele que é nascido de Deus. — Ninguém pode vir a Jesus, se o Pai que o enviou não o atras. — Quem nele crê tem a vida eterna. — Ele é o pão vivo que desceu do céu. — A moral que Jesus personifica é figurada- mente o pão vivo, sua carne e seu sangue. — Aquele que a pratica tem a vida eterna; quer dizer: chega à perfeição. — Pelo que Jesus acaba de dizer, murmurações e deserções de alguns dos discípulos. — Palavras de Jesus a Pedro. — resposta de Pedro. — Palavras de Jesus relativamente a Judas Iscariotes.

CANTO VI

Depois disto Jesus partiu, buscando
Do mar da Galileia a banda oposta,
Chamada Tiberíades. Seguia-o
Imensa multidão, pelos milagres
Que viram-no fazer sobre os enfermos

Subiu então Jesus dali a um monte
E nele se assentou com seus discípulos.
Ora o dia da Pascoa, a grande festa
Dos Judeus, era próximo. Do alto
Jesus, lançando os olhos, viu ao longe
Imensa multidão que a ele vinha
E falou a Felipe:

— “Onde, onde
Havemos de encontrar pães que nos cheguem
Para darmos comida a tanta gente?”

Mas ele assim falou, experimentando-o,
Pois bem sabia o que fazer devia.

Respondeu-lhe Felipe nestes termos:

— “Nem duzentos dinheiros, empregados
Em pães, chegar-nos-iam para darmos
Um pedaço de pão a cada um deles.”

André, que era também um dos discípulos,
Irmão de Simão Pedro, assim falou-lhe:

— “Um moço aqui se acha, que possui
Cinco pães de cevada e mais dois peixes;
Mas, para tanta gente isto o que vale?”

Disse-lhe então Jesus:

— “Fazei se sentem.”

Havia por ali bastantes ervas;
E sentaram-se todos, quase em número
De cinco mil pessoas. E tomando
Aqueles cinco pães e dando graças,
Jesus os repartiu por todo o povo;
E o mesmo fez dos peixes, tanto quanto
Todos eles quiseram. Vendo-os fartos,
Assim falou Jesus aos seus discípulos:
— “Recolhei os pedaços que sobraram,
Para que não se percam.”

Recolhidos,
Encheram-se com eles doze cestos.
E vendo aqueles homens o milagre
Que Jesus tinha obrado, uns e outros
Diziam: “Certamente é este, é este
O profeta que o mundo há tanto espera.”
Mas, sabendo Jesus que eles tramavam
Fazerem-no seu rei, subiu de novo
Ao monte e recolheu-se ali sozinho.

E quando veio a tarde, os seus discípulos
Dirigiram-se a praia e atravessaram
Para Cafarnaum, que além demora,

A' ribeira do mar na oposta margem.
E sendo escuro já, não tinha ainda
Jesus voltado a eles.

No entretanto,
Começava a empolar-se o mar por causa
Do vento riço que soprava; quando
Haviam navegado uns vinte e cinco,
Ou uns trinta estádios, viram todos
Jesus a caminhar por sobre as ondas,
E de medo se encheram. Mas lhes disse
Jesus: — "Sou eu, sou eu; não tenhais medo."
Então quiseram recebe-lo e a barca
Chegou no mesmo instante, logo, em terra.
Lá ho dia seguinte, do outro lado
Notava o povo que somente havia
Uma barca, na qual com seus discípulos
Não entrara Jesus; porém que tinham
Embarcado sem ele. E como houvessem
Outras barcas também de Tiberíades
Chegado a esse lugar — onde se dera
O milagre dos pães — e vissem todos
Que era ausente Jesus e seus discípulos,
Embarcaram-se nelas e partiram
Para Cafarnaum em busca dele.

E como, além do mar, nessa outra banda
Encontrassem a Jesus, lhe perguntaram:
— "Dize-nos, Mestre: quando aqui chegaste?"
Respondeu-lhes Jesus:

— "Sim, em verdade,
Em verdade, eu vos digo que vós outros
Me buscaís, não por causa dos milagres
Que tendes visto, mas porque comestes
Dos pães e vos fartastes. Pois, ouvi-me:
Trabalhai, trabalhai pela comida,
Essa que não perece, mas perdura
Até a vida eterna — a qual o Filho
Do homem vos dará; porquanto é nele
Que o Pai, que é o próprio Deus, gravou seu selo."

Então lhe perguntaram:

— “Que nos cumpre
Para as obras fazer de Deus?” Eis disse,
Respondendo, Jesus:

— “De Deus a obra
E' esta: que creiais todos naquele
Que vos foi enviado.”

E então disseram:

— “Que milagre farás, que nós vejamos,
E em ti acreditemos? Onde as obras?
Nossos pais lá comeram no deserto
O maná que do céu lhes fora dado,
Segundo escrita está: O pão celeste
Lhes deu ele a comer.” Jesus lhes disse
Assim por estes termos:

— “Em verdade,
Em verdade eu vos digo: o pão celeste
Não vos deu de comer Moisés outrora;
Pois, o pão que é do céu, que é verdadeiro
Meu Pai é quem vos dá, porquanto aquele
Que desceu lá do céu e trouxe a vida,
E' esse o pão de Deus.”

Depois disseram:

— “Senhor, queremos nós que nos dêis sempre
Desse pão.” E Jesus assim falou-lhes:
— “Eu sou o pão da vida. Quem se chega
A mim não terá fome; nem mais sede
Terá quem crê em mim. Mas, já vos disse:
Vós me vedes na terra e não me credes.
Esses que o Pai me dá virão por certo
Ter a mim; e o que a mim aqui se chega
Fora não lançarei; porque, descendo
Do céu, não vim fazer minha vontade,
Mas a, daquele que me enviou á terra.
Ora, a vontade do Bom Pai celeste,
Que á terra me enviou, é que eu não perca
Nenhum dos que me deu e os ressuscite
No último dia; e bem assim, que todo,
Que todo aquele que tem visto o Filho

E nele crê consiga a vida eterna.
Eu o ressuscitarei no último dia.”

Dele então os Judeus já murmuravam,
Porque dissera: “Eu sou o pão da vida,
Que descí lá do céu.” E assim diziam:
— “Este não é Jesus, de José filho,
Cujo pai, cuja mãe nós conhecemos?
Como diz ele pois haver descido
Das alturas do céu?” Jesus, no entanto,
Assim lhes respondeu:

— “Entre vós outros

Não deveis murmurar. Ninguém ha possa
Chegar-se a mim, se o Pai que me enviou
O não trouxe a mim; e eu por certo
O ressuscitarei no último dia.
Escrito está de há muito nos profetas:
E de Deus ensinados serão todos.
Assim, aqueles que do Pai ouviram
A sua santa voz e que aprenderam
O que lhes ensinou, a mim se chegam.
Não é que homem algum ao Pai já viu,
Senão aquele que é de Deus; só este,
Só este viu ao Pai.

“Sim, em verdade,

Em verdade eu vos digo: a vida eterna
Tem aquele que crê em mim, seu Filho.
Eu sou o pão da vida. No deserto,
Outrora, vossos pais maná comeram;
Mas, todos mortos são. Eis no entretanto
O pão que vem do céu, para que todo
O que dele comer não mais pereça.
Eu sou esse pão vivo, que hei descido
Das alturas do céu. Quem comer dele
Só então viverá a vida eterna:
E o pão que eu lhe darei é a minha carne,
Que ao mundo devo dar para que viva.”

Entre si os Judeus lá disputavam:

"Como pode ele dar-nos sua carne
A comer?" E Jesus por estes termos
Respondeu-lhes então:

— "Sim, em verdade,
Em verdade vos digo: Se do Filho
Do homem não comerdes vós a carne,
E também não beberdes o seu sangue,
Nunca, nunca tereis em vós a vida.
E quem houver comido a minha carne
E bebido o meu sangue a vida eterna
Esse a tem; e por isto é que eu prometo,
Que o ressuscitarei no último dia.
Verdadeira comida é a minha carne,
Verdadeira bebida é o meu sangue.
Aquele, pois, que minha carne come
E bebe o sangue meu, esse perdura
E fica em mim, e nele eu permaneço.
E como o Pai que me enviou é vivo,
E eu vivo só por ele, assim por certo
Aquele que também a mim me come
Viverá só por mim.

"Ei-lo aqui, vede:
E' este o pão do céu, que desceu dele.
Não é como o maná que no deserto
Comeram vossos pais, mas que da morte
Não puderam fugir. Quem há que coma
Deste pão e não tenha a vida eterna?"

Estas coisas, porém, Jesus dizia
Quando em Cafarnaum, na Sinagoga
Ensinando se achava. E dos discípulos
Muitos, ouvindo isso, assim disseram:
"E' duro este discurso; quem o pôde
"Escutar?" Mas Jesus que conhecia
Por si mesmo que dele murmuravam,
Falou-lhes deste modo:

— "Escandalizo-vos?
E que será então, se o Filho do homem,
Virdes subir onde primeiro estava?"

Sabei: quem vivifica é o próprio espírito,
De nada serve a carne: estas palavras
São espírito e vida. Mas não creem
Alguns dentre vós outros." Pois sabia
Jesus desde o princípio quais aqueles
Que não criam; e qual seria o homem
Que entrega-lo devia. E acrescentou:
—"Portanto, eu já vos disse que não pode
Ninguém se chegar a mim, se a mim trazido
Por meu Pai não vier."

Desde esse dia
Dos discípulos seus muitos deixaram-no
E partiram sem ele. Então por isto,
Perguntou Jesus aos seus apóstolos:
—"Vós outros não quereis também deixar-me?"
Simão Pedro lhe disse, respondendo:
—"Senhor, a quem iremos? Tu nos falas
Da vida eterna e nós te acreditamos,
E conhecemos que tu és o Cristo,
Que tu és, oh! Senhor, de Deus o Filho."
Jesus lhe disse então:

— "Não vos escolhi
Em número de doze? No entretanto,
Um de vós é o demônio." Isto dizia
De Judas, filho de Simão, de Judas
Iscariotes, que devia ao Mestre
Trair, sendo que o mesmo era um dos. doze.

A GÊNESE

Allan Kardec

Multiplicação dos pães

48. A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais têm intrigado os comentadores e alimentado, ao mesmo tempo, as zombarias dos incrédulos. Sem se darem ao trabalho de lhe perscrutar o sentido alegórico, para estes últimos ele não passa de um conto pueril. Entretanto, a maioria das pessoas sérias há visto na narrativa desse fato, embora sob forma diferente da ordinária, uma parábola, em que se compara o alimento espiritual da alma ao alimento do corpo.

Pode-se, todavia, perceber nela mais do que uma simples figura e admitir, de certo ponto de vista, a realidade de um fato material, sem que, para isso, seja preciso se recorra

ao prodígio. É sabido que uma grande preocupação de espírito, bem como a atenção fortemente presa a uma coisa fazem esquecer a fome. Ora, os que acompanhavam a Jesus eram criaturas ávidas de ouvi-lo; nada há, pois, de espantar em que, fascinadas pela sua palavra e também, talvez, pela poderosa ação magnética que Ele exercia sobre os que o cercavam, elas não tenham experimentado a necessidade material de comer.

Prevendo esse resultado, Jesus nenhuma dificuldade teve para tranquilizar os discípulos, dizendo-lhes, na linguagem figurada que lhe era habitual e admitido que realmente houvessem trazido alguns pães, que estes bastariam para matar a fome à multidão. Simultaneamente, ministrava aos referidos discípulos um ensinamento, com o lhes dizer: “Dai-lhes vós mesmos de comer.” Ensinava-lhes assim que também eles podiam alimentar por meio da palavra.

Desse modo, a par do sentido moral alegórico, produziu-se um efeito fisiológico, natural e muito conhecido. O prodígio, no caso, está no ascendente da palavra de Jesus, poderosa bastante para cativar a atenção de uma multidão imensa, ao ponto de fazê-la esquecer-se de comer. Esse poder moral comprova a superioridade de Jesus, muito mais do que o fato puramente material da multiplicação dos pães, que tem de ser considerada como alegoria.

Esta explicação, aliás, o próprio Jesus a confirmou nas duas passagens seguintes.

A SOMBRA DO OLMEIRO

Dolores Bacelar

O rouxinol e a lágrima

A tarde iluminada em tons de madrepérola anunciava o noturno, quando ouvimos cantar o rouxinol nas ruínas da pequena ermida.

Como um concerto de harpas angelicais, o canto daquela ave trazia-nos ao coração uma mensagem de paz e harmonia.

Embevecidos, escutávamos...

Quando calou, toda a Natureza era silêncio...

Então o “rishi” começou a narrar uma antiga lenda:

— Há muito tempo atrás, certa avezinha que não sabia cantar vivia triste no bosque, enquanto as outras aves exaltavam em harmoniosos gorjeios a alegria das alvoradas e a tristeza dos ocasos.

Ao vê-la infeliz, a fada do bosque segredou-lhe um dia, meio misteriosa:

— Se beberes a lágrima milagrosa, aquela mais triste entre todas as lágrimas do mundo, poderás cantar, e teu canto simbolizará para sempre a harmonia da Natureza.

— Se assim for — exultou a ave — como serei feliz, então!

— Não, pequena ave, porque teu canto jamais será inteiramente compreendido neste mundo.

E assim dizendo, a fada do bosque desapareceu entre as pétalas de uma orquídea branca.

A avezinha voou, pensativa...

Onde estaria a lágrima mais triste, que a faria cantar?

Lembrou-se então de certa mulher, uma camponesa, que chorava inconsolável a morte do filho único.

Deixando o bosque, voou para a casa dessa mulher, onde pousou no telhado. Ouviu o som de uma cantiga de ninar, vindo do interior da casa. Era a voz da camponesa, que acalentava um novo filho.

— Já não há tristeza nessa voz... — pensou a ave. E voou para longe.

Talvez — imaginava — a lágrima mais triste do mundo estivesse no olhar de uma criança órfã. Certa vez vira um menino que perdera os pais e vivia tão infeliz que seus olhos, fatigados pelo pranto, perderam o brilho e a cor, como boninas emurhecidas.

Procurou a criança e encontrou-a sorrindo entre brinquedos, feliz, abrigada em novo lar.

Desanimada, a avezinha voou para mais longe. Certamente jamais encontraria a milagrosa lágrima de que falara a fada do bosque.

Enquanto voava, ocorreu-lhe que talvez ela brotasse no olhar das almas sem amor, e com isso renasceu em seu coraçãozinho a esperança.

Ouvira falar de certa jovem que morria de dor e saudade porque seu noivo a deixara no último inverno, e passava os dias ao pé de uma macieira onde recordava os instantes felizes que ali vivera junto ao ser amado.

O pequeno pássaro encontrou-a sob a mesma árvore, porém trocava juras de amor com outro jovem.

— É primavera! — diziam as flores da macieira, a lembrar que os amores humanos passam com as estações...

Voou então para bem longe, ansioso de fugir a tudo, esquecer sua vidinha inútil, sem poesia, sem a alegria das manhãs e tardes de sol... Esqueceria até mesmo seu sonho de um dia cantar entre outros pássaros...

Voou, em desespero, durante muito tempo. Atravessou campinas e desertos, sobrevoou altas montanhas, até que, cansado, pousou nos galhos de uma oliveira.

Percebeu então que alguém falava ali bem perto. Ouvia uma voz suave, diferente das outras vozes, que dizia mansamente:

— Vinde a mim todos os que sofrem... Todos os pequeninos...

Era a voz do divino “Swami” que peregrinava pela terra, a pregar o amor e a esperança entre a multidão dos miseráveis.

— Sou pequenino, e sofro... — pensou a avezinha. E atraída pela voz, como todos os tristes e sofredores, passou desde aí a acompanhar o “Swami” a toda parte.

Se o Mestre Divino caminhava em meio aos bosques perfumados de Jericó, ou nas planícies da Samaria, perto dele voava a avezinha. Seguindo-o, pousava ora sobre um mastro das embarcações do mar da Galileia, ora sobre os cedros do monte Cinor.

Acompanhando o “Swami”, aspirou o pó de muitas estradas, conheceu povos e cidades estranhas. Percorreu vales e montes, sempre a segui-lo, incansável, sem medir distâncias.

Ouvindo-o, esquecera as mágoas; compreendeu que, além de sua vida, havia sofrimentos e dramas ainda maiores que o seu.

Se não cantasse mais, não lhe importaria... Importava conhecer o amor e a bondade como os ouvira ensinar o “Swami”, desde Nazaré a Jerusalém, do monte Hermon ao Tabor.

Onde estivesse o Mestre, ali estava a avezinha, pousada em alguma parte, a ouvi-lo em silêncio... Seus pequeninos olhos, fitando a figura do Mestre, pareciam entendê-lo mais que aqueles que o acompanhavam.

E naquela tarde, a tarde do Sermão da Montanha, enquanto o “Swami” entoava o cântico da misericórdia divina, o pequeno pássaro escutava-o em êxtase.

A folhagem dos sicômoros também estremeceu ao ouvir a balada das bem-aventuranças, e um raio de sol retardara-se no ocaso, esperançoso de ouvi-la.

Ao soar a última nota do sublime canto, a avezinha chorava o doce pranto das almas que encontram Deus...

No entanto, a multidão que seguira o “Swami” até ali, já se dispersara. A maioria viera em busca de ^ alimento material, porque ouvira contar sobre a multiplicação de pães e peixes. Muitos, inclusive, partiram a murmurar impropérios e escárnios.

Até mesmo os discípulos do “Swami” tinham-no deixado naquele momento, sozinho sobre o monte.

E seu olhar de tristeza infinita, e de infinita piedade, acompanhou a multidão descendo a montanha, na pressa de satisfazer os apetites materiais.

Distante, recortada entre os rochedos nus, sinuosa e íngreme, avistava-se a ladeira do Sangue conduzindo ao Gólgota.

Além, no monte das Oliveiras, perto da aldeia de Betfagé, delineava-se a silhueta do Templo, fulgurante de ouro e mármore, esplendendo como a neve do Hermon sob o sol.

Lá embaixo, amontoadas e sujas, as casas do eirado de Jerusalém lembravam ninhos de vespas.

E o “Swami” estremeceu diante daquele cenário...

O Getsêmani, o Sinédrio, a multidão a apedreja-lo, a Cruz e o Calvário, antecederam-se em sua mente. Sofreria até mesmo a negação de Cefas, seu amado discípulo, o que haveria de entristecê-lo mais que a traição de Judas.

De olhos no Infinito, o doce “Swami” exclamou em angústia:

— Ó Pai, que eu beba até o fim o cálice das amarguras, mas que a Humanidade aprenda a amar o amor pelo Amor...

Tristeza indefinível envolvia o olhar do Mestre... Chegavam até ele, ainda, os insultos e zombarias da multidão insatisfeita. Quando compreenderiam o cântico das bem-aventuranças? E seu coração pulsava pleno de piedade pelas fraquezas e misérias humanas...

Um gemido escapou-lhe do peito, triste e doloroso, ressentindo toda a ingratidão, incompreensão e abandono dos homens por quem breve ofertaria a vida.

Naquele instante — conta a lenda — o pequeno pássaro, único que não se retirara do monte, veio pousar, aflito, aos pés do Mestre, compadecido de sua dor.

Com olhos ansiosos, o peito arfante, a avezinha parecia dizer ao amado “Swami”:

— Não chores, divino “Swami”... Os homens não compreenderam ainda o teu cântico, mas as aves, quando estiveres junto ao Pai, o repetirão por toda a terra. A Humanidade despertará um dia, e cantará, toda ela, o teu Evangelho, alcançando a Harmonia e a Paz das Bem-Aventuranças.

O “Swami” curvou a cabeça e fitou a pequena ave. Seus olhos estavam banhados de pranto, e do olhar do Mestre uma lágrima caiu, trêmula, no bico da avezinha...

E foi aí, então — diz a lenda — que a Natureza, embevecida, ouviu pela primeira vez o canto do rouxinol.

Apenas quando esta renúncia é levada a cabo é que se percebe que a única coisa que se deixou, de fato, foi a limitação do eu inferior.

ALERTA

Divaldo Pereira Franco

38. O MELHOR

Quando menos esperas, és visitado por fatores atordoantes, que te deixam sem saber que atitude tomar.

Sem aviso prévio, deparas com situações afligentes que te inquietam, oferecendo-te frustração, face às condições de que se revestem.

De maneira agressiva, chega-te a dor do próximo, pedindo-te arrimo, e, colhido pela rude solicitação, vês-te em clima de dificuldade para equacionar o problema.

O aturdimento das pessoas alcança-te, violento, apresentando solicitações gritantes, agredindo-te, e constatas as dificuldades socorristas mediante as quais poderias auxiliar com acerto.

A vasta cópia dos atormentados espera apoio nas suas alucinações e busca-te, inquietando-te, por te deparares manietado, sem os meios ideais para o ministério do socorro.

Em tais como em outras circunstâncias equivalentes, indagas: Como agir? Como fazer o melhor?

*

Subitamente identificas cansaço na alma, amargura, inquietação. Levanta, porém, o ânimo e revitaliza o moral.

A consciência que desperta para o bem, mais sofre o espicaçar das aflições e incertezas, quando, diante de atos cruéis, surpreendentes, ou de situações muito complexas, ao considerar o que poderia fazer e como acionou a máquina da atitude correta.

É natural, portanto, que o teu repouso seja menos fácil e a tua quietude, por momentos, improvável.

Os que se sentem muito tranquilos, na Terra, quiçá estejam intoxicados pelos vapores da indiferença.

*

Convidado, intempestivamente, a ajudar, a tomar uma atitude em relação a alguém, a assumir uma posição, não te deixes impregnar pelos fluidos e vibrações de quem te busca. Recolhe-te à oração silenciosa, e indaga ao coração o que gostarias de receber, caso fosses o necessitado.

Certamente, terás a resposta de como seria o procedimento ideal.

Todavia, se não for possível realizar a ação ideal, não cruces os braços, lamentando impossibilidades.

Faze da maneira mais correta ao teu alcance, envolvendo em simpatia aquele que se socorre de ti e permanecendo de consciência harmonizada.

*

Enfrentarás sempre ocorrências difíceis, com as quais, desde logo, deves acostumar-te.

Em razão da imensurável quantidade de aflitos e da precariedade dos teus recursos, não te sintas incapaz de auxiliar, descoroçoando-te.

Uma semente, resguardada no bojo da terra, pode ser a responsável futura por toda uma área verde- jante e rica de dádivas.

Importante é o que faças e como faças, pertencendo os resultados à Vida.

*

A multidão que Lhe ouvira a palavra de liberdade e paz, não obstante já alimentada em espírito, padecia de fome orgânica. Solicitado ao auxílio, Jesus excogitou de tomar os cinco pães e os dois peixes que os discípulos possuíam, com os quais repletou os estômagos necessitados, sem perder o entusiasmo ou modificar a atitude de amor com que antes amparara a grave necessidade espiritual de que todos padeciam.

Considera, desse modo, a sabedoria do Senhor e, sem desencorajamento, faz a tua, a parte que te cabe, com a certeza de estarem realizando o melhor.

ANTÔNIO DE PÁDUA

Almerindo Martins de Castro

E a confirmação de tal continuidade bem exemplificada está na vida do Cristo. Jesus não fez prodígios novos, nem excedeu as possibilidades mediúnicas traçadas e vigorantes para todos os tempos. Ele, sem embargo da sua altitude espiritual, ratificou a doutrina de que aos enviados de Deus são outorgados poderes de realizar o que o comum das criaturas são incapazes de compreender, e muito menos de executar.

A Bíblia, que é o registro dos fastos religiosos dos chamados Velho e Novo Testamento, corrobora a coerência dessa doutrina, mencionando fatos espíritas que espelham as várias modalidades da mediunidade: materialização, voz direta, transporte, vidência, profecia, etc.

Cristo, referindo-se à sua união com Deus, disse: “Aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e fará outras ainda maiores” (João, 14:12). Isso, confirmando que os poderes divinos — aos médiuns — foram e são dados em todos os tempos, conforme suas textuais expressões: “As palavras que eu vos digo não as digo por mim; mas o Pai que está em mim é quem faz as obras” (João, 14:10).

O confronto é simples.

Segundo Mateus, 14:17-21, estando reunidas 5.000 pessoas, pediram os Apóstolos a Jesus que deixasse ir aquela gente, pois não havia comida para lhes dar ali, existindo apenas 5 pães e 2 peixes. Jesus disse que era o bastante, e, pegando pães e peixes, materializou o suficiente para todos, e ainda sobejaram restos que encheram 12 cestos.

Mais ou menos isso, porém, já fora realizado — dez séculos antes — por Eliseu, grande médium, profeta sucessor do não menos notável e famoso Elias, e consta do livro IV de Reis (ou II dos seguintes aos 2 de Samuel, conforme outra tradução da Bíblia) cap. 4:42-44. Um homem, de Baal-Salza, lhe trouxe 20 pães, os quais mandou dar ao povo (com relutância do servo, que achava ridículo 20 pães para alimento de 100 pessoas). Todos comeram, e ainda sobrou muito pão.

DE FRANCISCO DE ASSIS PARA VOCÊ...

Humberto de Araújo

35

O PODER DA FÉ

"Mas, agora, despojai-vos também de todas estas coisas: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes de vossa boca".

Paulo — Colossenses — 3:8

Em 1219, pouco depois da Semana Santa, estavam reunidos em Santa Maria dos Anjos cinco mil frades em toscas cabanas de vime e bambu. Realizava-se o conhecido Capítulo das Esteiras.

A Ordem, como vimos, crescia em número, em virtude da invulgar pregação do santo, seus prodígios e sua imensa ternura para com os pobres e menos afortunados.

Rezavam, cantavam, choravam os próprios pecados ou os dos que lhes fizeram benefícios com a intenção de aperfeiçoar-se cada vez mais.

Os grupos eram divididos em número de cinquenta, cem e duzentos frades e havia um deles destacado para pregar o Evangelho segundo as ordens do Mestre.

Uma felicidade sem par naquele numeroso conjunto de homens, pois todos eram um só pensamento, e seus corações só transbordavam bondade e amor. Ademais, ninguém se excedia em alaridos, falavam baixo e se serviam mutuamente com a maior fraternidade.

A Casa do Caminho estava ali reproduzida, como a lembrar aos passantes que o Senhor Jesus novamente reuniu seu rebanho que foi tão coeso até o ano 312. Justo nesta época alguém se infiltrou no rebanho e achou que devia organizar-se como religião. Foi o famoso Imperador Constantino, conforme já relatamos.

De todas as partes vinha gente para ver e admirar a reunião do cristianismo redivivo. Eram príncipes, condes barões, cavaleiros, cardeais, bispos e padres.

— "Verdadeiramente são estes o campo e o exército dos cavaleiros de Deus" — exclamou um Cardeal visitante.

— Onde está o Chefe deste exército? — perguntavam os mais categorizados na sociedade e na religião.

— Aqui estou, meus filhinhos — disse Francisco — grandes coisas prometemos, mas, muito maiores são as que Deus nos prometeu. Observemos aquelas, esperemos estas. Breve é o prazer do mundo, perpétua é, porém, a pena que se lhe segue; curta é a pena desta vida; infinita, porém, a glória na outra".

— Onde lhe vem tanta força e tanto poder? — comentou um prelado surpreendido.

— De Deus, — respondeu um dos frades.

E Francisco continuou:

— Mando, em virtude de Santa Obediência, que nenhum de vós, que estais congregados, tenha cuidado ou preocupação com o que há de beber ou de comer, ou com outras coisas necessárias ao corpo; mas, estai somente atentos em louvor a Deus, deixai-lhe a solicitude com o vosso corpo, porque Ele tem especial cuidado de vós.

— Estes cinco mil homens como poderão suportar esta temporada sem alimento e as coisas necessárias ao corpo? Parece uma estultícia tudo que vejo, — disse um gordo e rico barão preparando-se para sair dali com sua comitiva, pois os frades não tinham alimentos.

— Mal se movimenta para retirar-se, e eis que surgem carroças carregadas de pão, vinho, legumes, queijo, mel, bolos e outras coisas apetitosas.

A seguir aparecem outras carroças trazendo toalhas, pano de cama, talheres, copos, e tudo mais para suprir a necessidade de cinco mil homens. Reproduzia-se ali o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes.

— O homem é mesmo de Deus, disse o gordo barão. Desçamos todos de nossos cavalos e vamos ajudar a servir a estes santos. E que Deus me perdoe pelo mau juízo que fiz.

E juntou-se a outros tantos nobres, homens e mulheres, para o belo trabalho de solidariedade.

— Pai Francisco, deixa-me entrar na Ordem, disse um nobre.

— Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e segue a Jesus.

— Muitos frades estão adoecendo e não podem rezar. Alguns estão à morte por causa da demasiada penitência, que fazer meu pai? — disse um dos seus secretários.

— Vamos acabar com isso! Tragam imediatamente os espinhos, argolas, cadeias de ferro e cilício. Nosso Senhor disse: "Misericórdia quero, não holocaustos".

E se formou ali um monte de instrumentos com que se torturavam — pobres penitentes — cumprindo promessas feitas, segundo os costumes da época. Todos foram alimentados e saíram livres, pulando de alegria.

Ainda hoje o costume perdura. Um pouco atenuado, é verdade, mas nosso povo ainda não aprendeu a livrar-se de fazer promessas em troca de graças. Querem fazer negócios com Deus!

Francisco de Assis, ora por nós, onde estiveres na tua glória, para nos libertarmos, de uma vez por todas, das amarras da Idade Média!

ENCONTROS COM JESUS

Wallace Neves

11

O fantasma do lago

A viagem dos setenta, de dois em dois, às localidades, vilas e aldeias onde tencionava visitar mais tarde, fora extensa e cansativa. Não obstante, retornaram felizes pelo cumprimento, à risca, da missão designada. Como eram muitos os que iam e vinham, tomavam-lhes o tempo até de se alimentarem.

Os doze discípulos apresentaram minucioso relato a respeito do que haviam feito e

ensinado e dos últimos acontecimentos, inclusive sobre a morte de João, o Batista. Jesus os convidou a buscarem um lugar mais tranquilo a fim de repousarem.

Escolheram um dos barcos e, ao sopro contínuo do vento e ao impulso dos remos, a embarcação seguia tranquila, para o outro lado do lago, a região nordeste, quando se perceberam seguidos por centenas de outros barcos menores. Assim, foram acompanhados por peregrinos de várias regiões: Betsaida, Dalmanuta, Corazim, Além Jordão que, ansiosamente, desejavam ouvir e aprender as boas novas trazidas pelo Messias, depois de virem tantos feitos.

Na outra margem, em terra firme, prosseguiram seguidos durante muito tempo, numa extensa região de relvado.

— Mestre! - Felipe abordou Jesus, que ia à frente. - E grande a multidão que o segue.

— Sempre estive à procura de muitos e há momentos em que muitos deverão vir ao meu encontro.

— São caminhantes persistentes e estão esfomeados.

— Felipe, onde vamos comprar alimentos? Alimentem-nos, então.

— Não há comida para tantos, mas um jovem traz alguns pães e peixes.

— Façam com que se assentem em grupos de cem em cem e de cinquenta em cinquenta. Peçam em oração ao Pai, a benção do alimento com fé e determinação; partam tudo em dois pedaços e deem a cada grupo; mandem que dividam também entre si e assim por diante. O Pai os abençoará.

Todos ficaram maravilhados ao verificarem que os pedaços de pães e peixes, sempre divididos em dois, de mão em mão, multiplicavam-se. Momentos depois, quando todos estavam saciados Felipe retornou:

— Querem conclamá-lo para que se torne rei, Mestre.

— Então, Felipe, já anoitece; despedirei a multidão, vou ao monte para meditar e orar em silêncio. Procure Simão Pedro para que reúna a todos os nossos e retornem.

Já estava escuro quando se fizeram ao mar e içaram a vela. Duas candeias suspensas, uma na proa e outra na popa, iluminavam suficientemente o barco.

Pedro e André, os mais experientes em navegação noturna, consultaram a disposição das constelações e as estrelas mais proeminentes àquela época do ano. A estrela dos navegantes brilhava intensamente na cauda da Ursa Menor e se destacava. Finalmente, depois de alinharem a proa do barco para a rota definida, com João no comando do leme, seguiram rumo a Betsaida, mais a noroeste.

O mar não mais se apresentava calmo nem o vento brando, o que os levou a procedimentos náuticos mais acentuados do que antes, enquanto algumas nuvens cobriam o manto estrelado do céu.

O silêncio noturno, nesse momento, tornou-se invadido pelas batidas compassadas das ondas a açoitarem o costado, pelo chiado da espuma se desfazendo a cada

investida e pelo uivo do vento no cordame do mastro onde as velas, necessariamente recolhidas, foram enroladas. Aqueles homens valorosos ficaram apreensivos com a progressiva mudança climática e João, para distrair os companheiros, cantarolou velha canção praieira no ritmo cadenciado das batidas dos remos que passaram a ser utilizados, em contraponto com os gemidos resultantes dos atritos nas forquilhas de apoio.

Tomé, sempre interessado em todos os acontecimentos inusitados, apresentou uma dúvida relativa ao fenômeno da multiplicação dos pães e dos peixes e acrescentou: —

— Encontrei somente uma única explicação e não vejo outra.

— A que você está se referindo, Tomé? - perguntou Tiago.

— Refiro-me aos poderes de Jesus de Nazaré, confirmados diante da multidão, como estivesse a lhe dizer: eu sou o ungido por Javé, não mais duvidem. Você concorda, Simão Pedro?

— É mais o que isso: é a Providência Divina e sua solicitude para com Jesus, o Messias, nosso Mestre. São dois os fatos que se completam: a Providência Divina em ação e o caráter amoroso do Enviado. Lembrem-se de Moisés no deserto quando os alimentos ficaram escassos diante da fome de todo um povo? Javé supriu uma vez, com a presença do maná por toda a planura, ao amanhecer, e a outra com a queda das codornizes aos bandos.

Bartolomeu, que até então permanecera calado, comentou:

— Desculpem-me por interromper o diálogo, mas cometemos um deslize. Todos os barcos retornaram, aqui estamos nós e não levamos em conta o retorno de Jesus. Esquecemo-nos dele e ele nunca esqueceu de nós.

Ouviram-no sem que ninguém se atrevesse a fazer qualquer comentário.

Era a hora da sexta vigília, por volta das três horas da madrugada e a cerca de trinta estádios, aproximadamente quatro quilômetros da margem leste. As ondas continuavam de rijo no costado e o vento contrário exigia maior esforço para avançar, causando grande apreensão em alguns dos discípulos e o de soçobram, em outros.

— Vejam lá atrás de onde viemos! - espantou-se Judas, ao observar uma fraca luminosidade ao longe. - Deve ser outro barco, está aumentando e vindo rapidamente.

— Não deve ser barco porque a claridade é esbranquiçada e a luz das candeias é amarelada.

Quando a luminosidade se tornou mais intensa, uma forma vaporosa aproximou-se, levitando à distância de alguns metros. Esbranquiçada e difusa, diferente daquela das candeias, configurou-se como forma humana a deixar os navegantes muito aterrorizados com aquela aparição fantasmagórica. Sim, só podia ser um fantasma - pensaram eles, em alarido, sem lugar para onde fugir. Entretanto, o grande pavor se atenuou ao ouvirem:

— Tenham bom ânimo, amigos, nada há que temer, sou eu, Jesus de Nazaré, quem

lhes fala. — O Mestre aproximou-se e subiu ao barco para ter com eles; as ondas se acalmaram, os ventos amainaram-se, dissiparam-se as nuvens escuras e o firmamento voltou a se apresentar com mais fulgor...

Recolheram os remos, soltaram a vela, novamente, libertando-a do mastro, prenderam a ponta livre na extremidade do travessão e deixaram que ela se estufasse, por inteiro. Jesus respeitou-lhes o silêncio, acomodou-se próximo à popa, adormeceu e permaneceu assim durante todo o restante da travessia, enquanto João, na voga do leme, cantarolava alegre canção praieira marcada pelo compasso monótono das vagas no costado, até que a vontade do vento favorável os conduzisse para terra firme.

18

O décimo homem

Em meados do outono, deixaram a Galileia com destino à Festa dos Tabernáculos, em Jerusalém, passando por Samaria no sentido sul além Jordão. Alcançaram a Pereia e, finalmente, chegaram a Efraim, a nordeste de Jerusalém.

Amanhecia, quando chegaram à região próxima à Samaria. Aos poucos, os primeiros sinais do labor do dia já se faziam sentir: alguns homens a caminho da lavoura, o cântico das mulheres junto ao poço, o som da oficina do ferreiro, a madeira sendo lavrada na carpintaria e o bulício alegre das crianças...

De imediato, Jesus foi reconhecido por um transeunte que o vira, certa vez, em Dalmanuta, onde conhecera os seus prodígios junto aos doze discípulos. Assim, a notícia de sua presença rapidamente se espalhou e pequena multidão de povo passou a acompanhá-los, despertando em alguns a fé, o desdém em outros e as esperanças em outros mais, como sempre acontecia.

Quando chegou perto de um sicômoro, um homem simpático, próximo da velhice, destacou-se do povo, parou à sua frente e lhe disse, com sinceridade:

- Senhor, sei que és um Mestre em Israel, enviado do Pai. Eu o vi certa vez e, para minha surpresa e alegria, esse reencontro em minha cidade. Deus seja louvado! — exclamou.

- Suas palavras me alegram o coração, por virem de um homem sincero e honesto; mas o que deseja?

- Nada te peço, Senhor, embora reconheça a tua divina missão - respondeu Josafá (este era o seu nome) -, e saiba que ainda sou um pecador que deseja iluminar-se com a tua palavra.

- Sim, meu amigo, nada preciso te dizer, pois os cânticos suaves do meu Evangelho já têm morada em teu coração.

Josafá, contendo a emoção, acrescentou:

- Meu Senhor, sei que vês de longe e percebo que não trazem alforjes. Minha casa é simples, mas pode abrigá-los para algum descanso e tomarem algum alimento. É pouco, mas o que tenho posso repartir com todos.

Jesus olhou aquele homem nos olhos e o seguiu até à moradia.

Em lá chegando, os convidados sentaram-se em bancos rústicos ao redor da mesa lavrada. Josafá tomou de um pão e de um vasilhame com mel e lhes ofereceu:

- Senhor, este pão e este mel de abelhas são tudo o que tenho! O trigo ficou escasso e a florada foi pequena. As abelhas produziram pouco, diariamente, e o que resta de grãos de trigo, não sei se dará até a próxima colheita.

- Josafá - replicou Jesus -, vá à colmeia e me traga um dos caixilhos. Do pão, leva esta metade, reparte com todos os que estão famintos.

O anfitrião, com olhar de espanto, atendeu à solicitação do Mestre.

Do lado de fora o espanto foi maior, pois, para cada pedaço de pão que destacava, outro o completava, até que o último faminto ficasse com a última parte.

- Amigo! — disse Jesus. — Escorra o mel do caixilho no recipiente sobre a mesa. Mesmo observando que os alvéolos estavam quase vazios, suspendeu o caixilho sobre a tigela e o mel escorreu farto, até que o recipiente se completasse, quase a transbordar. Aquilo era assombroso.

Após breve refeição, Jesus chamou a Pedro em particular, dizendo-lhe:

- Vem comigo, Simão Barjonas, vamos à aldeia próxima, fica perto daqui, pois tenho encontro com um homem, e é inadiável.

- Senhor! - exclamou o apóstolo, com respeito. - Não compreendo! Aqui, há mais de uma centena de pessoas para ouvirem sobre a beleza e as esperanças do teu Evangelho, e me dizes que tens um encontro com apenas um homem...

- Sim, Pedro - respondeu com solicitude -, os caminhos do Pai parecem tantas vezes insondáveis, mas o tempo e a hora sempre se cumprem. Vamos ao encontro de uma alma que conquistou o direito ao seu resgate. Em breve compreenderás.

- E este povo que o aguarda, com ansiedade? - insistiu o companheiro de jornada.

- Divida-os em grupos de dez, Simão filho de Jonas, e coloca-os em torno de cada um dos meus, a fim de que, inspirados pela Vontade Divina, falem sobre os tesouros do céu, esclarecendo-lhes que, estes, as traças não comem, nem a ferrugem corrói.

- Pronto, Senhor — falou Simão, após as providências solicitadas. - Podemos ir.

E se puseram a caminho; porém, à saída da cidade, algumas crianças se aglomeravam, em algazarra, em torno de dois meninos que se engalinhavam, a rolarem pelo chão poeirento.

À chegada daqueles dois estranhos, silenciaram repentinamente, e os dois contendores foram apartados e auxiliados por Pedro e por Jesus a se levantarem.

- Por que essa briga entre dois amigos? - Perguntou Jesus. - O que houve de tão grave?

- Eleaquim pegou a minha funda e não quer me devolver — respondeu Josias, o menor dos dois.

- Mas ele deixou que eu ficasse com a funda, não me deu tempo para brincar com ela e agora quer me tomar...

Jesus os conduziu para a sombra de uma árvore próxima, seguidos das outras crianças e ponderou:

- Josias, você se lembra de quando a sua família teve dificuldades, pois, por acidente, o odre da casa se quebrou, fazendo perder todo o azeite produzido para a venda, o que daria sustento a todos? Uma peça cara com um produto de qualidade boa. Quem lhes ofereceu novo recipiente, tão bom quanto o primeiro, mais uma boa parte de azeite? - interrogou Jesus.

- Foi o pai dele, que é oleiro - respondeu, apontando timidamente para Eleaquim. - E não cobrou nada, nem pelo azeite fornecido...

- E você, Eleaquim, recorda-se de quando seu pai ficou enfermo durante muito tempo e sua mãe não pode produzir e colher o trigo suficiente para o sustento da família? Quem foi que os auxiliou?

- A família dele - e apontou, também timidamente, para o amigo. - Eles nos trouxeram o pão todos os dias e nada nos cobraram...

- Vejam só - acrescentou Jesus duas famílias amigas!!!

- Sim, Senhor! — responderam os dois meninos

- E o que vocês têm aprendido na sinagoga a respeito do que os profetas ensinam a respeito de como tratar o amigo? - interrogou Jesus.

- Devemos amar os amigos... - respondeu Eleaquim, com prontidão.

- ...e odiar os inimigos — apressou-se Josias.

- Em verdade, em verdade lhes digo que o Pai deseja que amemos até o inimigo... - as crianças silenciaram, pois aquilo era novidade para eles. Mas o menino mais velho, que deveria estar com catorze anos, adiantou-se:

- Mestre! Mestre! Como amar os inimigos? — argumentou — eles nos fazem mal!

- Eles também são filhos do Altíssimo; portanto, são nossos irmãos.

- Os filisteus, Mestre, eram inimigos do povo hebreu, e Jeová é o Senhor do nosso povo, está escrito.

Jesus olhou no mais fundo dos olhos daquele jovem e, depois de alguns segundos, respondeu pausadamente, mas com firmeza na voz:

- Você tem razão, os filisteus eram inimigos do povo hebreu. Contudo, eu acrescento que, do mesmo modo, o povo hebreu era inimigo dos filisteus. Veja que o benefício da chuva, a vitalidade do sol, o cintilar das estrelas, o chão que recebe nossos pés, as águas dos rios que sempre correm para o mar são criações divinas, não escolhendo pessoas, fronteiras ou povos, e abençoam tanto os judeus, como um todo, quanto os samaritanos, os escribas, os fariseus, os saduceus, os gregos, os publicanos, os romanos, os sírios... O Pai é um para tudo e para todos. Não faz diferenças. Todos somos seus filhos, inclusive os animais. Deixem a funda comigo, pois só serve para matar os pássaros... Agora vão brincar.

Jesus abraçou o jovem. As crianças deixaram-se abraçar por Ele e saíram correndo, na alegria de sua inocência.

- Senhor - interrogou Pedro -, esse era o encontro de que falava? São apenas crianças e um menino mais velho!...

- Não, meu bom amigo, vamos em frente! - e saíram novamente a caminho.

O sol, àquela hora da manhã, já se levantara bastante acima das montanhas distantes, a inspirar harmonia e paz e, no vilarejo entre Samaria e Galileia, alguns homens conversavam entre si, cada um a exaltar as próprias desditas.

- Nós quatro, posso falar por todos, carregamos profundo ódio no coração, deplorando a humanidade. Apesar deste triste aspecto, ainda somos jovens. Éramos os melhores, os campeões da luta greco-romana, e a multidão nos ovacionava. A vida era boa e feliz: força, vigor e destreza, mas aos primeiros sinais da doença, fomos desprezados, abandonados e relegados ao lixo. Nenhuma mão, sequer, apresentou-se como amiga, para oferecer uma caneca de vinho ou de água. Soubemos que certo Galileu faz prodígios, por isso estamos à procura dele e o que encontramos? Vocês outros, como a gente...

- Viemos de longe, também. Os três somos da mesma família e temos, ou melhor, tínhamos muitas posses; por isso, talvez, tínhamos muitos amigos, que também

compartilhavam conosco de muitas festas, em nossa herdade. A alegria da mocidade, a beleza da vida nos cercava de amigos e lindas mulheres sempre prontas a se divertirem e a nos divertirem. A família... Que família!... —

O mais novo dos três replicou, com azedume:

- ...atiçaram-nos os cães e postaram guardas, a fim de que não mais pudéssemos nos aproximar. Expulsaram-nos da cidade com as roupas do corpo, apenas. Éramos e somos vivo-mortos. Também soubemos desse Galileu, ou nazareno, sei lá! Será que vale a pena toda essa caminhada, esse sacrifício entre humilhações de toda sorte e cansaços? E vocês três, que estão muito calados, o que fazem?

— Nós dois, apenas, somos oleiros, pois esse outro não conhecemos. Éramos sócios numa olaria. Produzíamos as mais belas e as melhores cerâmicas da região além Jordão - falaram aqueles estrangeiros, com um misto de amargura e frustração na voz. - Não tínhamos concorrentes. A fortuna nos sorria e a vida era farta, até que as primeiras manchas surgiram nos braços. É a vida de cada um e cada qual luta como pode. Não foi preciso que nos expulsassem, pois fugimos rapidamente quando se configurou a invasão para depredarem tudo e roubarem nossos haveres... Estamos sem rumo certo e, talvez, ao encontro desse novo profeta, quem sabe?

Quando silenciaram, todos os olhares convergiram para o décimo homem, que se mantivera muito discreto até então, a cobrarem dele alguma informação, o que o levou a se expressar. Aparentava ter, aproximadamente, cinquenta anos de idade. Apesar das feições abatidas e do corpo alquebrado, possuía uma espécie de incompreensível serenidade e uma expressão quase nobre na face.

- Não esperem nada de mim - esclareceu com tranquilidade -, sempre levei uma vida simples, mas de muito trabalho desde a infância na carpintaria do meu pai que, por direito de herança, ficou para mim, após sua morte. Não pude enriquecer, porque nunca soube exigir cobrança daqueles que não me conseguiam pagar; mesmo assim, levava uma vida digna.

- Tolice! - exclamou um dos oleiros. - O que é seu, é seu, pronto!

- Como vocês, estou em busca de cura, mas o que mais me interessa, por saber que até agora a cura não existe, é ouvir a sua voz e aprender com ele o caminho para encontrar os 'tesouros do céu', do modo como me contaram que ele dissera: que as traças não podem comer, nem a ferrugem é capaz de corroer. Assim, quero levar a outrem os seus ensinamentos, pois há tanta gente desesperada...

- Sim, talvez - interferiu um dos jovens desportistas, um tanto desdenhoso -; os tesouros podem até ser do céu, mas a vida é aqui mesmo e temos que aproveitá-la ao máximo, o quanto pudermos... E não poder fazer isso me traz imensa revolta. Não é justo, Deus foi infiel!

- Não diga isso! - replicou o outro. - Essa doença não escolhe idade, nem posição. Penso que essa dolorosa experiência se faz para medir a nossa paciência e fé, mas...

- Mas... - interrompeu o interlocutor, um tanto aborrecido - ... essa conversa piegas não nos levará a nada...

Enquanto isso, à entrada do vilarejo, formou-se uma aglomeração de pessoas.

- Vejam! Que movimento é aquele? Vamos até lá! - replicou o mais valho dos dez.

Sob a grande figueira que envelhecera junto à entrada do vilarejo, Jesus e Pedro, o Simão Barjonas, abrigaram-se do sol e logo pequena multidão se aglomerou para ouvi-lo. Ali, ele se pôs a ensinar, enquanto se assentavam ao derredor: — O reino dos céus é semelhante a uma frondosa figueira, como essa que aqui nasceu, cresceu, nos abriga, e

por toda a sua existência vem oferecendo a sombra amiga, as flores da estação, os frutos saborosos em quantidade a quantos aqui se encontrem. Estejam saudáveis ou enfermos, de passos firmes ou coxos, com perfeição visual ou desprovida da luz, àqueles que caminham na vida com retidão ou que se perderam nos desvios de caráter, distanciados das verdades eternas, invariavelmente todos poderão, por vontade própria, se beneficiar sob estes galhos ou passar de largo.

“Não importam as condições físicas ou morais de cada um, uma vez que todos, ao seu abrigo, poderão refletir quanto aos passos transcorridos até aqui para recomeçar, à frente, com novas perspectivas de vida.

“Eu que lhes falo sou aquele que viria para cumprir as profecias dos antigos e anunciar que o reino dos céus é para aqueles que se colocam com fé, esperança, amor e caridade à sombra e ao abrigo do meu Pai, mas de coração aberto e simples, como os das crianças...”

Essas últimas palavras não passaram despercebidas pelos dez leprosos que, ao se aproximarem, mesmo mantendo certa distância, provocaram ligeiro tumulto em virtude do aspecto que identificava serem portadores da terrível moléstia, tão temida.

- Jesus, Mestre! — gritou o mais velho. — Tem compaixão de nós!
- Aproximem-se! — respondeu Jesus.
- Vamos ficar longe para não transgredirmos a lei, gritaremos para sermos ouvidos!

Jesus aproximou-se, então; e, para admiração da turba, abraçou cada um deles e lhes falou:

- Agora vão e se mostrem aos sacerdotes - e, em seguida, voltou-se para o povo e continuou a ensinar.

Os dez, atônitos, ao se retirarem em direção à sinagoga, conversaram em voz baixa:

- Que situação! Viemos de tão longe e com tantos sacrifícios para depois, simplesmente, mostrarmos-nos aos sacerdotes? - um deles falou com certa irritação.
- O que os sacerdotes poderão fazer por nós? — replicou outro, com frustração na voz.
- Os sacerdotes, como legítimos guardiões da saúde, nos expulsaram por causa da lei. E agora, o que fazer?!

Vocês não perceberam nada? — interrogou o mais velho, veementemente. - Acordem! Olhem para vocês! Olhem para mim! - exclamou.

Ao fazerem isso é que verificaram:

- Estamos limpos! Estamos limpos! Estamos curados! - gritaram e pularam de alegria, a ponto da multidão se voltar para eles, afastando-se de Pedro e Jesus.
- Oh, Jesus, perdoe-me, não compreendo - disse Pedro ao se dirigir ao seu Mestre. - O senhor havia dito que encontraria aqui com um homem; aparecem dez, depois os cura e eles se vão...

- Pedro, é compreensível a sua ansiedade e suas dúvidas. Entretanto, exercite a paciência e compreenda a importância do tempo, pois o momento é aqui, neste instante.

Os dez homens, agora limpos, a passos firmes e decididos, aproximaram-se da sinagoga e aqueles que ainda ali se encontravam, verificando a cura efetuada, correram pressurosos ao encontro daquele que consideravam um novo profeta.

- Vocês repararam que nossas peles estão mais saudáveis do que antes da doença?
- interrogou o mais experiente dos atletas?
- O que faremos agora? - perguntou outro.

- Como líder do grupo — esclareceu o primeiro —, combinei com meus três amigos: voltaremos aos jogos e, ao ganharmos todas as disputas, daremos dura resposta àquela falsa sociedade, impondo nosso preço. E vocês três, o que pretendem?

- Não há muito que fazer: voltaremos à nossa família para exigir o que, por direito, é nosso. Mostraremos nossa superioridade e as mulheres, sempre curiosas, estarão à nossa procura. Quanto aos velhos amigos, a eles o total desprezo... E vocês dois, que se acham tão calados?

- Seremos o centro das atenções, não há dúvida — responderam prontamente —, e será fácil arregimentar companheiros para tomarmos, à força, o que desejamos como vingança, paga pelos prejuízos e, mais ainda, como compensação.

Aproveitando o silêncio momentâneo, o mais velho do grupo, que até então estivera calado, expressou-se com voz calma, compassada, sem a exaltação dos demais:

- Vocês são judeus e eu, samaritano. Antes, igualávamo-nos por um fato comum a todos — a lepra —, e mesmo se não quisermos, as diferenças voltarão a se estabelecer. Devo me despedir, desejando felicidades e bom proveito com a saúde renovada pelo Cristo de Deus, o Mestre de Nazaré. Tenho algo importante e inadiável a fazer. Adeus!

Com um gesto usual de despedida, saiu e dirigiu-se ao grupo reunido sob a figueira. Suas expressões eram de intenso júbilo e suas feições irradiavam serena paz. Ao chegar diante do Mestre, glorificou a Deus em alta voz e ‘caiu aos seus pés com o rosto em terra, dando-lhe graças. E respondendo, Jesus disse, voltando-se para Pedro:

- Não foram dez os limpos? Onde estão os outros nove?

- Não houve quem voltasse para dar glórias a Deus, senão este estrangeiro - respondeu o discípulo.

Jesus, pegando-lhe as mãos, ajudou-o a se levantar e considerou:

- Levanta-te e vai, a tua fé te salvou! E em se dirigindo ao discípulo:

- Compreende agora, Simão? Alguma dúvida?

- Agora compreendo, meu Senhor - respondeu, com expressões de alegria. — Mas...

- Mas... Simão Barjonas - interrompeu Jesus -, uma sombra de curiosidade permanece em seu coração. Dez eram os enfermos do corpo e da alma; todavia, apenas um, o samaritano, obteve a ‘salvação’ pela fé e pelo firme propósito de modificar seu comportamento diante da vida. Salvação significa transformação verdadeira, autêntica.

- E os outros, Mestre?

- Os outros, presos às glórias do mundo, receberam da misericórdia infinita do meu Pai, como acréscimo, novos créditos para a construção da verdadeira liberdade que ocorrerá no futuro, mas, por agora...

Jesus silenciou. E como se o olhar estivesse perdido na distância infinita do azul do céu, deixou ver seu semblante luminoso aos olhos espirituais do apóstolo.

ESTUDOS ESPÍRITAS DO EVANGELHO

Therezinha Oliveira

A multiplicação de pães e peixes

Relatam os evangelistas que Jesus por 2 vezes multiplicou pães e peixes para atender à multidão que o seguira até uma região “deserta” (longe de cidades) e ali ficara ouvindo-o e recebendo curas, mas, por não se terem munido de alimentos, estavam a ponto de passar fome.

A primeira multiplicação é relatada por Mt. 14 vs. 13/23, Mc. 6 vs. 30/44, Lc. 9 vs. 10/17 e Jo. 6 vs. 1/15. A segunda somente por Mt. 15 32/39 e Mc. 8 1/10.

As diferenças entre as duas são pequenas, pois em ambas Jesus:

- aproveitou o de que dispunham (alguns pães e peixes);
- mandou que o povo se assentasse em grupos (ordenou a multidão);
- orou (tomando os pães e peixes, ergueu os olhos aos céus e os abençoou);
- depois fez a repartição entre os discípulos e estes para o povo;
- todos comeram à vontade (milhares de homens, além das mulheres e crianças);
- e ainda sobraram muitos cestos com pedaços de pão e de peixe, que Jesus

mandou recolher para nada se perder.

Como explicar esse fenômeno?

Kardec entende que não houve o fenômeno materialmente (“A Gênese”, cap. XV, item 48). A passagem seria simbólica, representando que Jesus “alimentou” espiritualmente a multidão que, magnetizada por sua presença e atenta à sua palavra, nem sentiu a falta de alimento físico. Assim queria Jesus que os discípulos também “alimentassem” o povo, quando lhes disse: “Não é preciso que se retirem; dai-lhes vós de comer”.

Também se pode pensar que, além dos poucos pães e peixes trazidos pelos discípulos, outras pessoas tivessem mais alimentos consigo e, ante o exemplo de doação generosa, acabaram por entregá-los também para a repartição entre todos. Aí, deu e sobrou.

Entretanto, não seria impossível um fenômeno de efeitos físicos, materializando substâncias. Em “O Livro dos Médiuns” (cap. VIII, Do Laboratório do Mundo Invisível), vemos que os espíritos podem não só reproduzir aparência de alimentos, mas fazer que essas substâncias materializadas deem até “a impressão de saciedade”, quando ingeridas.

Mas para que teria Jesus realizado um fenômeno de efeitos físicos assim, multiplicando pães e peixes? Talvez com o objetivo de ensinar que precisamos pensar no próximo, no que ele necessita, e ajudar a atender essa necessidade; fazer isso orientando e ordenando o povo, doando o que nos for possível, buscando também o auxílio espiritual (orou antes de multiplicar) e não desperdiçando recursos (mandou recolher o que sobrasse).

Qual foi a repercussão?

Foi grande. A multidão, depois, queria proclamar rei a Jesus. Mas ele não aceitou. E advertiu a todos: “Trabalhai não pela comida que perece mas pela que permanece para a vida eterna”, ou seja, que procurassem assimilar sua mensagem, seus ensinamentos e exemplos.

FONTE VIVA

F.C.X. – Emmanuel

133

QUE TENDES?

“Quantos pães tendes? E disseram
-lhe: — Sete.” — (MARCOS, 8:5.)

Quando Jesus, à frente da multidão faminta, indagou das possibilidades dos discípulos para atendê-la, decerto procurava uma base, a fim de materializar o socorro preciso.

“Quantos pães tendes?”

A pergunta denuncia a necessidade de algum concurso para o serviço da multiplicação.

Conta-nos o evangelista Marcos que os companheiros lhe apresentaram sete pãezinhos, dos quais se alimentaram mais de quatro mil pessoas, sobrando apreciável quantidade.

Teria o Mestre conseguido tanto se não pudesse contar com recurso algum?

A imagem compele-nos a meditar quanto ao impositivo de nossa cooperação, para que o Celeste Benfeitor nos felicite com os seus dons de vida abundante.

Poderá o Cristo edificar o santuário da felicidade em nós e para nós, se não puder contar com os alicerces da boa-vontade em nosso coração?

A usina mais poderosa não prescinde da tomada humilde para iluminar um aposento.

Muitos esperam o milagre da manifestação do Senhor, a fim de que se lhes sacie a fome de paz e reconforto, mas a voz do Mestre, no monte, continua ressoando, inesquecível:

— Que tendes?

Infinita é a Bondade de Deus, todavia, algo deve surgir de nosso “eu”, em nosso favor.

Em qualquer terreno de nossas realizações para a vida mais alta, apresentemos a Jesus algumas reduzidas migalhas de esforço próprio e estejamos convictos de que o Senhor fará o resto.

HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO

Pinheiro Martins

CAPÍTULO VII

ALTERAÇÕES NOS TEXTOS

Por volta do ano 178, o filósofo platônico Celso escreveu em seu “Discurso Verdadeiro” que os cristãos de seu tempo não tinham o menor escrúpulo em alterar, “três ou quatro vezes, e mais ainda”, o texto original do Evangelho, “para refutar as várias objeções a eles postas”. (1)

Uma suposta profecia de Jesus, contida num texto aramaico denominado “Evangelho da Vida Perfeita”, também fala dessas deturpações: “Mas depois chegarão pessoas que têm outras ideias e que por ignorância reprimirão muitas coisas que lhes falei, inventando outras que eu teria falado, mas na verdade nunca falei. Porém, chegará então o tempo em que as coisas que esconderam serão reveladas e a verdade se libertará das suas correntes”. (2)

Infelizmente, embora muitas pessoas neguem que tenha havido qualquer alteração na Bíblia, alegando ingenuamente que “Deus não permitiria”, a verdade é que hoje muitos tradutores e teólogos - tanto católicos como protestantes - já admitem que os textos sofreram uma série de deturpações. Exemplo disso é que

uma criteriosa tradução da Bíblia para o inglês - a “New English Bible” - feita por homens considerados especialistas no assunto, traz uma observação informando que foram encontrados acima de 30.000 erros de tradução e mais de 2.000 interpolações. (3) Cabe explicar que se dá o nome de “interpolações” às alterações feitas nos textos, colocando-se neles palavras ou frases que antes não existiam.

Será interessante mostrar algumas destas alterações. Começaremos pelas interpolações colocadas no texto do “Evangelho de João”, por serem das mais gritantes.

Em 1920, o papirólogo inglês Greenfeld adquiriu no Egito um pedaço de papiro que continha Jo XVIII, 31-33, 37s, em grego. Esse simples fragmento, conhecido pelo código “P 52”, não ajudou a reconstituir o texto original, mas permitiu ao professor G. H. Roberts demonstrar, em 1935, que o evangelho atribuído a João já existia pelo ano 125 d.C.

Foi só em 1956 que veio a público, por intermédio do Prof. Victor Martin, da Universidade de Genebra, a descoberta de um texto de João em melhor estado, proveniente também do Egito e em grego. Dos textos do “Evangelho de João”, em bom estado, é o mais antigo: data cerca de 150 d.C. e é conhecido pelo código “P 66”.

Pois bem, esse exemplar mais antigo do “Evangelho de João” ignora totalmente passagens famosas que só foram incluídas no texto posteriormente.

Exemplo disso é o fim do versículo 3 e todo o versículo 4 do capítulo V do “Evangelho de João”. Essas frases foram colocadas posteriormente no texto original como uma glosa, visando apenas explicar por que nos pórticos do tanque de Betesda havia tantos enfermos, cegos, coxos e paralíticos. Segundo essa interpolação, é que eles “esperavam o movimento da água” (fim do versículo 3)

“pois de tempos em tempos um anjo do Senhor descia ao tanque, e a água se punha em movimento. E o primeiro que entrasse no tanque, depois da agitação da água, ficava curado de qualquer doença que tivesse” (versículo 4). Esses trechos, repetimos, faltam não só no papiro “P 66”, mas também em outros manuscritos gregos antigos.

Outra passagem que não existia em João é a narração da multiplicação dos pães e dos peixes, seguida pela do milagre de Jesus andando sobre as águas do Mar da Galileia: os versículos 11 a 35 do capítulo VI — que contêm essas narrativas nas bíblias atuais - simplesmente não existe no “P 66”. No texto original, ao ser informado de que não há alimento para o povo que o segue, Jesus simplesmente manda as pessoas sentarem-se (atual versículo 10) e então inicia um discurso (pula para o atual versículo 36) onde informa que ele, Jesus, é o “pão da vida”.

Na verdade, as passagens em que o Cristo multiplica os pães e, depois, em que caminha sobre as águas, foram tiradas dos evangelhos sinóticos e acrescentadas ao “Evangelho de João”, como está provado no manuscrito “P 66”, o mais antigo exemplar do evangelho.

Também a bela passagem sobre a mulher adúltera, que Jesus livrou de ser apedrejada, não existia no texto original. Os 11 versículos que contêm essa narrativa (Jo VIII, 1-11) faltam em muitos manuscritos gregos antigos. (4) De fato, a história da mulher adúltera encontra-se tão isolada e deslocada no texto de João que, se retirarmos os 11 versículos que a compõem, o evangelho não sofrerá

descontinuidade: é o que acontece em muitos exemplares antigos. Tradutores católicos admitem que se trata de “uma adição posterior a São João”. (5)

E, finalmente, todo o capítulo XXI foi acrescentado no “Evangelho de João” - originalmente, ele terminava no versículo 31 do capítulo XX. (6) Acredita-se que foi um dos próprios discípulos do apóstolo que acrescentou esse capítulo. (7)

A esse respeito, comentou León Denis: “Se reconhecemos que foi acrescentado um capítulo inteiro a esse evangelho, seremos levados a concluir que numerosas interpolações poderiam ter sido feitas igualmente”. (8) De fato, é o que se verifica.

O “Evangelho de Marcos” também recebeu interpolações. Afirma Ambrogio Donini que “Basta observar que as duas cópias mais antigas que possuímos do Evangelho de S. Marcos terminam com o versículo 8 do cap. XVI; os últimos 12, com relato da ressurreição e da subida ao céu, de Jesus, foram acrescentados mais tarde. Um manuscrito, recentemente assinalado por alguns críticos, dá indicação de que esta parte se deveria a um tal Aristião, que, viera de Jerusalém para a Ásia Menor, no início do século II, e que tinha sido chamado ‘discípulo do Senhor por Pápia de Hierápolis’”. (9)

As versões do “Novo Testamento” por nós consultadas trazem comentários de seus tradutores que, além de confirmar o que Donini escreveu sobre Mc XVI, 9-20, acrescentam que os seguintes versículos do mesmo evangelho seriam, também, interpolações, por faltarem em vários manuscritos gregos: VII, 16; X, 44 e 46; parte de X, 24 (as palavras: “os que põem a sua confiança nas riquezas”); XI, 26 e XV, 28. (10)

Para encerrar esse assunto das interpolações, vamos, finalmente, abordar o problema da expressão “Espírito Santo” que, originalmente, não existia no “Novo Testamento”.

Segundo a definição de León Denis, “A palavra espírito (pneuma) ficou sendo a expressão usada para designar uma inteligência privada de corpo carnal”. (11)

E continua León Denis: “Essa palavra, pneuma, traduziu-a S. Jerônimo como “spiritus”, reconhecendo, como os evangelistas, que há bons e maus espíritos. A ideia de divinizar o Espírito não surgiu senão no século II. Foi somente depois da Vulgata que a palavra “sanctus” foi constantemente ligada a palavra “spiritus”, não conseguindo essa junção, na maioria dos casos, senão tornar o sentido mais obscuro e mesmo, às vezes, ininteligível. Os tradutores franceses dos livros canônicos foram ainda mais longe a esse respeito e contribuíram para desnaturar o sentido primitivo”. (12)

NOTAS

1. Orígenes - “Contra Celso”, capítulo XX; apud Donini, Ambrogio - Obra citada, p. 65.
2. Apud Holst, Ulrich - Artigo citado.
3. Conforme publicado em “Planeta”, N9 177, junho de 1987, p. 56.
4. É o que nos informam, por exemplo, os responsáveis pela versão, em língua portuguesa, da Bíblia traduzida pelos monges beneditinos de Maredsous, Bélgica. Também o “Novo Testamento” publicado em português pela Liga Bíblica Mundial sob o título “O Mais Importante é o Amor” traz observações informando que a maioria dos manuscritos antigos omitem Jo VII, 1-11 e V, 3-4.

5. Comentário, em pé de página, à João VIII, 1-11, da tradução da Bíblia pelos monges de Maredsous, 58ª edição, São Paulo, Editora Ave Maria, 1987, p. 1395.
6. Comentário, em pé de página, à João XX, 31, da tradução da Bíblia pelos monges de Maredsous, edição citada, p. 1412. Veja-se também: Denis, Léon - Obra citada, p. 270.
7. Conforme o mesmo comentário, acima citado, da Bíblia.
8. Denis, Léon - Obra citada, p. 270.
9. Donini, Ambrogio - Obra citada, pp. 65 - 66.
10. É o que nos informam a Bíblia dos monges beneditinos de Maredsous e a versão "O Mais Importante é o Amor".
11. Denis, Léon - Obra citada, 276.
12. Idem, Ibidem, pp. 276 e 277.

JESUS PERANTE CRISTANDADE

Frederico Pereira Junior

O Divino Mestre, depois de ter dado esse sublime ensinamento aos seus discípulos e ao povo que o cercava, multiplicou os pães e os peixes para satisfazer a fome do corpo e do espírito de uma grande multidão que o procurava, sequiosa de maravilhas e milagres que lhe consolidassem a crença e a fé de que ele era realmente o Messias esperado. (35)

Mas — dirão os espíritos fortes —, como poderia Jesus multiplicar os pães e os peixes, se os peixes obedecem, na sua formação, a leis preestabelecidas na Natureza? Quão absurda não é essa doutrina que nos pretendem impor os seus crentes e discípulos?!

E, realmente, os sábios, as extraordinárias mentalidades deste século conhecem toda a Natureza!

E se ainda não formaram mundos é, sem dúvida alguma, porque ainda o não quiseram; se não criaram o mais pequenino dos insetos é porque ainda não lhes sobrou tempo para isso!

Eis, cristãos em Cristo, porque se rodeou o Divino Mestre dos humildes pescadores; eis por que ele escolheu, para continuadores da sua grande e extraordinária obra de regeneração, os humildes e pequeninos!

Os doutores da lei daqueles tempos, como os sábios de hoje, não teriam podido compreender Jesus, pois que para isso lhes falecia o delicado instinto — a pureza da alma que se revela no olhar, apanágio da mansidão dos justos!

Faltam-lhes os estímulos da humildade capaz de soffrear os seus instintos orgulhosos! Vós, porém, cristãos em Cristo, na vossa pequenez espiritual, ainda que cobertos dos andrajos da vossa pobreza mental, podereis compreender, sem serdes sábios, que tudo na Natureza é fluido e que, portanto, a organização dos corpos se realiza pela combinação desses mesmos fluidos; e, se esses corpos, em virtude da lei da decomposição, em tempo dado, voltam de novo ao grande laboratório da Natureza, é claro que N. S. Jesus-Cristo, o Verbo de Deus, o seu pensamento, o seu poder absoluto, tinha em suas mãos os elementos necessários para a sua composição todas as vezes que lhe aprouvesse confundir os homens em seus orgulhos e vaidades.

Tudo é fluido, repito, tudo é magnetismo na Natureza, e se uma única coisa há que prove o contrário daquilo que vos afirmo, perante os textos bíblicos, é a vossa ignorância!

Não houve, portanto, milagre, se, como querem os ortodoxos, o milagre é a derrogação das leis naturais. E, demais, como podereis julgar derrogadas leis que vós não conheceis? E como conhecê-las, se o orgulho vos venda os olhos?

Quereis compreender essas verdades? Descei do alto da vossa ciência até à humildade dos pescadores de almas; só assim o conseguireis!

Estudai a revelação nova, vinde ao encontro do Espírito de Verdade e, dando repouso ao cérebro, fazei trabalhar o coração. Meditai no dia de amanhã que vos pode surpreender, pois disse o Discípulo Amado, na sua Divina Epopeia: o espírito é tudo e a carne para nada serve. E vós, que sois Espíritos, e não podeis prescindir do alimento necessário à vossa qualidade espiritual, antes que vos surpreenda o futuro que descurais deveis pedir hoje, como sempre — o PÃO DA VIDA, QUE É o CORDEIRO IMACULADO, O NOSSO BENDITO MESTRE!

(35) -) Mateus, cap. XIV, vv. 14 a 21.
Marcos, cap. VI, vv. 34 a 44.
Lucas, cap. IX, vv. 12 a 17.
JOÃO, cap. VI, vv. 1 a 15.

NA SEARA DO MESTRE

Vinícius

A MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

Os quatro evangelistas narram o maravilhoso feito operado pelo Mestre multiplicando cinco pães e dois peixes, de modo a satisfazer uma multidão faminta composta de quase cinco mil homens, não contando mulheres e crianças.

O caso impressionou profundamente os discípulos, razão por que os quatro Evangelhos a ele se reportam. Realmente, tratando-se do problema do pão, que é o problema da humanidade, constituindo o pivô em torno do qual vêm girando, em todos os tempos, as atividades e as agitações humanas mais acentuadas, justifica-se aquela particularidade.

Tomemos o relato de Marcos para nossa meditação:

“E foram, Jesus e seus discípulos, num barco, para um lugar deserto, em particular. Mas a multidão, vendo-os partir, muitos o reconheceram, e concorreram para lá a pé, de todas as cidades, e chegaram primeiro do que eles.

E Jesus, vendo a grande multidão, teve compaixão dela, pois parecia um rebanho sem pastor. Começou, então, a ensinar-lhes muitas coisas.

Como o dia fosse já adiantado, os discípulos, chegando-se ao Senhor, disseram-lhe: Este lugar é deserto, e o dia já declina; despede essa gente, para que, indo às aldeias circunvizinhas, comprem pão, pois aqui não há o que comer.

Jesus respondeu: Dai-lhes vós de comer. E eles retrucaram: Iremos nós, então, comprar duzentos denários de pão para lhes dar de comer? — Disse o Senhor: quantos pães tendes? Ide ver. E, verificando eles, informaram: Apenas cinco pães e dois peixes.

Ordenou-lhes Jesus que fizessem assentar a todos, em ranchos, sobre a relva verde. E assentaram-se, repartidos de cem em cem e de cinquenta em cinquenta. E tomando Jesus os cinco pães e os dois peixes, levantou os olhos ao Céu, abençoou e partiu os pães, e deu-os aos discípulos

para que os distribuíssem. E repartiu também os dois peixes para todos.

E todos comeram, e se fartaram, sobrando ainda doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixes. E os que comeram eram quase cinco mil homens, não contando mulheres e crianças.”

O Mestre, chamando os seus, retirou-se com eles, numa barca, para um sítio distante a fim de repousar. Mas o povo, reconhecendo-o, rumou, por atalhos, para onde ele se dirigia, chegando primeiro. Jesus, contemplando aquela multidão ignara, sofredora, enferma e faminta, moveu-se de grande compaixão. Ao influxo desse sentimento que o absorvia, o Filho de Deus começou a agir, esquecendo o repouso que buscara. Dando início às providências que julgou corresponder às necessidades prementes daqueles párias, ensinava-lhes muitas coisas. Começou, pois, abrindo brechas de luz naquelas mentes entenebrecidas, porque bem sabia que todos os sofrimentos, privações e vicissitudes que flagelam os homens, procedem da ignorância da verdade.

As primeiras sombras da noite desenhavam-se já no horizonte, e o Senhor prosseguia no desempenho da sua missão, ensinando e atendendo os enfermos que lhe imploravam a cura das suas mazelas. Nesse passo vieram os discípulos dizer-lhe: Mestre, o dia já vai adiantado, e este lugar é deserto; despede, portanto, o povo, para que procure as aldeias mais próximas onde todos poderão alimentar-se, porque, aqui, não há o que comer. Retruca Jesus, com precisão: *Dai-lhes vós de comer.*

Como vemos, os apóstolos não tinham ainda a noção da maneira como haviam de colaborar com o Mestre na obra da redenção. A tarefa que lhes estava destinada, era precisamente a de despenseiros do pão da vida, desse pão que sintetiza todas as legítimas necessidades do homem, considerado sob sua dupla natureza: humana e divina. Como, pois, eles, os celeiros ambulantes do trigo celeste alegavam que ali não havia recurso para atender aos reclamos da multidão? O imperativo do Senhor — dai-lhes vós de comer — encerra implicitamente o papel que compete aos discípulos do Mestre desempenhar, em todas as épocas da Humanidade. Mas, os homens louvam-se sempre na impressão dos sentidos. Tratava-se, segundo supunham, dum caso positivamente material: dar de comer à multidão que tinham diante dos olhos. Onde encontrar pão para tanta gente? Duzentos denários, alegavam, não bastariam para resolver a situação. Eles não sabiam que, em verdade, não existem problemas materiais, todos são espirituais, e que só espiritualmente se resolvem, mesmo aqueles que mais de perto se relacionam com a carne e com o sangue. Laboravam no velho erro de que é com dinheiro, e só com dinheiro, que se soluciona o problema do pão. Jesus mostrou-lhes que está no sentimento, e não no cálculo, a incógnita do magno problema que tinham diante de si. Ele teve compaixão da turba famélica. Compaixão é uma das modalidades do amor; e é só com amor que se resolverão os problemas da Humanidade. Amor é luz, é sabedoria, é poder. Enquanto os homens se guiam pelo egoísmo, viverão, como até aqui tem sucedido, na confusão e no caos. Serão pobres, fracos, doentes e incapazes no seio da abundância, da riqueza e da força.

Aos discípulos, contemplando os famintos, só ocorreu um pensamento: despedi-los, descartar-se deles, uma vez que o mal era irremediável. Mas o Mestre não pensou assim. E' preciso que essa gente seja alimentada: *dai-lhes vós de comer!*

Não havia ali dinheiro, esse elemento considerado como a chave de todas as questões terrenas. Havia, no entanto, alguém que trazia consigo cinco pães e dois peixes. Mas, que representa essa migalha, tratando-se de saciar cinco mil estômagos vazios? E' nada e é muito. E' nada, considerando como propriedade de um indivíduo. E' muito, é tudo quando posto ao / serviço da causa comum, do bem de todos, da felicidade coletiva.

Assim o demonstrou o Mestre. Trazei-me aqui esses cinco pães e dois peixes, disse Ele. Tomando-os em suas mãos, abençoou-os e deu graças. Através desse gesto de reconhecimento e gratidão Aquele que nos dá o “pão nosso de cada dia”, consumou-se o milagre da multiplicação dos pães, tal como se dá no seio da terra, com a germinação da semente . O pão é a vida: desce do céu, não sobe dos campos.

Aos homens, em sua vaidade, passa despercebido esse milagre cotidiano, pois eles julgam que o grão se reproduz mercê do seu esforço e trabalho no amanho do solo, esquecidos de que a germinação se opera à sua inteira revelia, como sói, aliás, acontecer com a transubstanciação do pão em sangue, fenômeno este para o qual eles tampouco contribuem, antes, por vezes, o perturbam, com excessos, vícios e artificialismos.

O dia em que os homens, tomando em suas mãos o pão, cientes e conscientes donde ele vem, levantarem os olhos ao céu, não haverá mais fome, pobreza e miséria no mundo. Saberão distribuí-lo como já sabem produzi-lo. Não basta que as leiras fecundas realizem continuamente o milagre, é necessário que haja olhos de ver, inteligência de entender e coração capaz de sentir — para que o debatido problema do pão seja solucionado de vez, deixando de ser causa de conflitos, ódios e guerras.

A solidariedade é a vara mágica que transforma a carestia em abundância, visto como importa no ajustamento à lei soberana e universal que tudo regula e equilibra.

Propositadamente deixámos para o fim o que para muitos encerra maior importância em virtude de afetar profundamente os sentidos: como Jesus conseguiu realizar a maravilha ora em apreço. Teria sido por sugestão ? Os homens realizam verdadeiros prodígios por esse meio. O que não poderia lograr o Mestre com o seu extraordinário magnetismo pessoal? De outra sorte, o que sabemos nós sobre a manipulação e combinação de fluidos? Já disse Flammarion que aquilo que vemos é feito do que não vemos. A água resulta da combinação, em determinadas proporções, de dois gases fora do alcance da nossa visão. Não passa ela do estado líquido para o sólido, baixando a zero a sua temperatura? E para o de vapor, elevando essa temperatura a cem graus ? A temperatura influi na vibração dos átomos e com essa alteração modifica-se o estado da matéria.

Jesus, pois, não infringiu nenhuma lei. Jogou apenas com possibilidades desconhecidas dos homens. O seu estupendo poder deriva do seu imenso saber. “E tudo que eu faço vós podeis fazer, assevera Ele.” Esta assertiva importa em declarar que todas as suas obras foram executadas de acordo com as leis naturais.

O ESPÍRITO DO CRISTIANISMO

Cairbar Schutel

AS MULTIPLICAÇÕES DOS PÃES

PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO

"Jesus, levando os apóstolos consigo, retirou-se à parte para uma cidade chamada Betsaida. Mas ao saber disto, a multidão seguiu-o; e Jesus, acolhendo-a, falava do Reino de Deus, e sarava os que necessitavam de cura. O dia começava a declinar e, aproximando-se de Jesus os doze, disseram: Despede a multidão para que, indo às aldeias e sítios vizinhos, se hospedem e achem alimento; pois estamos aqui num lugar deserto. Ele, porém, lhes disse: Dai-lhes vós de comer. Responderam eles: Não temos

mais do que cinco pães e dois peixes, a não ser que devamos ir comprar comida para todo esse povo. Pois eram quase cinco mil homens. Então disse aos seus discípulos: Fazei-os sentar em turma de cerca de cinquenta cada uma. Assim o fizeram, e mandaram a todos sentar-se. E tomou Jesus os cinco pães e os dois peixes, e, erguendo os olhos ao Céu, os abençoou e partiu; e entregou-os aos discípulos, para que os distribuíssem pela multidão. Todos comeram e se fadaram; e foram levantados doze cestos de pedaços que lhes sobejaram." (Lucas IX, 10-17.)

PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO

"Jesus, ouvindo isto, retirou-se dali numa barca para um lugar deserto, à parte; e quando as multidões o souberam, seguiram-no das cidades por terra. Ele ao desembarcar viu uma grande multidão, compadeceu-se dela e curou os enfermos. À tarde, aproximaram-se dele os discípulos. dizendo: Este lugar é deserto e a hora é já passada; despede, pois, as multidões, para que indo às aldeias, comprem alguma coisa para comer. Mas Jesus lhes disse: Não precisam ir; dai-lhes vós de comer. Replicaram-lhe: Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes. Disse ele: Trazeimos cá. E tendo mandado à multidão que se assentasse à relva, tomou os cinco pães e os dois peixes, e, erguendo os olhos ao Céu deu graças, e, partindo os pães, entregou-os aos discípulos e os discípulos entregaram-nos à multidão. E todos comeram e se fartaram; e do que sobejou levantaram doze cestos cheios de pedaços. Ora, os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além das mulheres e crianças." (Mateus, XIV, 13-21.)

SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO

"Chamando Jesus a seus discípulos disse: Tenho compaixão deste povo, porque há três dias estão sempre comigo e nada têm que comer; não quero despedi-los em jejum, para que não desfaleçam no caminho. Disseram-lhe os discípulos: Onde encontraremos neste deserto tantos pães para fartar tão grande multidão? Perguntou-lhes Jesus: Quantos pães tendes? Responderam: sete e alguns peixinhos. E tendo mandado o povo que se assentasse no chão, tomou os sete pães e os peixes e, dando graças, partiu-os e entregou-os aos discípulos, e os discípulos entregaram-nos ao povo. Então todos comeram e se fartaram; e do que sobejou levantaram sete alcofas cheias de pedaços. Ora, os que comeram foram quatro mil homens, além de mulheres e crianças. E despedindo o povo, Jesus foi para os confins de Magadã." (Mateus XV, 32-39.)

PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO

"Ao desembarcar viu Jesus uma multidão de homens e compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas sem pastor, e começou a ensinar-lhes muitas coisas. Como a hora fosse já adiantada, chegaram-se a ele os discípulos dizendo: Este lugar é deserto, e já é muito tarde; despede- os para que vão aos sítios e aldeias circunvizinhas comprar para si alguma coisa. Mas Jesus disse-lhes: dai-lhes vós mesmo de comer. Deveremos então, disseram eles, ir comprar duzentos denários de pão e dar-lhes de comer? E ele lhes perguntou: Quantos pães tendes? Ide ver. Depois de se terem informado, responderam: Cinco pães e dois peixes. Então mandou os discípulos que a todos fizessem sentar em grupos sobre a relva verde. E sentaram-se em turmas de cem e de cinquenta. E ele tomou os cinco pães e os dois peixes e, erguendo os olhos ao Céu, deu graças, e, partindo os pães, entregou-os aos discípulos para eles distribuíssem-nos; e repartiu por todos os dois peixes. Todos comeram e se fartaram; e recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe. Ora, os que comeram os pães foram cinco mil homens." (Marcos VI, 34-44.)

SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO

“Naqueles dias, como houvesse de novo concorrido uma grande multidão, e não tivesse que comer, chamou Jesus os discípulos, e disse-lhes: Tenho compaixão deste povo, porque há três dias que está sempre comigo e nada tem que comer; e se eu os mandar para as suas casas em jejum, desfalecerão no caminho, pois alguns há que vieram de longe. Disseram seus discípulos: donde poderá alguém satisfazê-los de pão aqui no deserto? Ele perguntou: Quantos pães tendes? Responderam eles: Sete. E ordenou ao povo que se assentasse ao chão; e tomando os sete pães, depois de haver dado graças, partiu-os e entregou-os a seus discípulos, para que os distribuíssem; e eles os distribuíram pela multidão. Tinham também alguns peixinhos; e abençoando-os, mandou que estes igualmente fossem distribuídos. Todos comeram e se fartaram; e levantaram, dos pedaços que sobejaram, sete alcofas. E eram perto de quatro mil homens. Depois Jesus os despediu. E entrando logo na barca com os seus discípulos, dirigiu-se para o território de Dalmanuta.” (S. Marcos VIII, 1-10.)

NARRATIVA DO EVANGELISTA JOÃO

“Jesus atravessou o Mar da Galileia, que é o de Tiberíades. Uma grande multidão seguia-o, porque tinham visto os milagres que operava nos que se achavam enfermos. Jesus subiu ao monte, e ali se assentou com os seus discípulos. A Páscoa, festa dos judeus, estava próxima, Jesus, então, levantando os olhos e vendo uma multidão que vinha a ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pão para lhes dar de comer? (Mas dizia isto para o experimentar, porque ele sabia o que ia fazer). Respondeu-lhe Filipe: Duzentos denários de pão não lhes bastam, para que cada um receba um pouco. Um dos seus discípulos chamado André, irmão de Pedro, disse-lhe: Está aqui um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixes, mas o que é isto para tanto povo? Disse Jesus: Fazei sentar o povo. Ora, havia naquele lugar muito feno. Sentaram-se pois, os homens em número de cinco mil. Jesus, então, tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os pelos que estavam sentados; e do mesmo modo os peixes, quanto queriam. Depois de saciados, disse Jesus a seus discípulos: Recolhei os pedaços dos cinco pães de cevada, (que sobejaram aos que haviam comido). Ora, quando o povo viu o milagre que Jesus fizera, disse: Este é verdadeiramente o profeta que havia de vir ao mundo.” (João VI, 1-14.)

Todos os fenômenos, quando desconhecidos a sua procedência e o modo pelo qual se manifestaram, são inverossímeis.

O mundo, desde o primeiro bruxulear da inteligência humana tem sofrido os embates das negações inscientes de uns, e das afirmações dogmáticas de outros: de um lado o inverossímil, o nada; do outro, o mistério e o sobrenatural.

Leia-se a história das novas verdades, que têm concorrido com as suas luzes para nosso progresso, e dos novos descobrimentos que nos dão comodidade e bem-estar, e pergunte-se às gerações passadas se não lhes pareciam inverossímeis e até impossíveis.

Que juízo se fazia do vapor, da telegrafia, da constituição do corpo humano, etc.?

O fenômeno da multiplicação dos pães tem sido assunto de intermináveis controvérsias entre os religiosos e os negadores.

Aqueles, não podendo negá-lo, pois faz parte integrante dos Evangelhos, relegam-no para as esferas do milagre e do sobrenatural.

Os materialistas, por sua vez, não podendo explicá-lo de acordo com a sua limitada ciência, negam-lhe a veracidade, “porque as leis da Natureza são inflexíveis e não se pode tirar alguma coisa donde só existe o nada”.

São muito cômodos estes processos, usuais entre os corifeus da Religião e da Ciência: afirmar sem provas, sem lógica e sem raciocínio, e negar sem exame e sem estudo, adotando para a discussão, unicamente os sofismas e a filosofia abstrata.

Mas os argumentos capciosos de uns e outros estão em pleno desacordo com as teorias que eles professam.

Os católicos e protestantes ficam impossibilitados de provar aos materialistas a “multiplicação dos pães” devido à falsa crença que professam, de ter sido o mundo feito do nada.

Ora, como o nada pode produzir, e do nada nada se pode tirar, Jesus não poderia tirar pães e peixes donde nada existisse de pães e de peixes, nem de elementos para confeccioná-los. A proposição é lógica e clara, e ninguém poderá demonstrar o contrário.

O materialismo, a seu turno, como a sua ciência não admite o espírito e tudo é produto da força e da matéria. vê-se em duas conjecturas diante do fenômeno e não podendo explicá-lo, acha de melhor alvitre negá-lo.

A “multiplicação dos pães” em face da Religião e da Ciência, não passa, portanto, de absurdo, justamente porque essas duas ramificações do conhecimento são constituídas sobre as bases do absurdo. E assim, impedidas de tratarem do fenômeno por não poderem explicá-lo claramente, a Religião o relega para o domínio do milagre, do sobrenatural; e a Ciência o arroja para os bátratos da negação e do nada.

O Espiritismo apresenta-se justamente no momento propício em que as verdades Evangélicas são menosprezadas, para reintegrá-las no seu verdadeiro lugar, dando-lhes o justo valor.

E assim vem ele explicá-las de acordo com a razão e com a verdadeira Ciência, conforme as Leis Naturais.

A Ciência e a Religião oficiais, divididas em dois campos de ação se chocam e se contradizem, eternizaram a sua luta em prejuízo da Humanidade.

Deus fez soar a hora das grandes reivindicações e o Espiritismo foi chamado para solucionar os problemas inextricáveis para a “religião” e para a “ciência”.

Ora, vamos ver como os Espíritos encaram o transcendental fenômeno da “multiplicação dos pães no deserto”.

* * *

A “panificação do trigo”, sob as ordens e direção de Jesus Cristo, no deserto, não pode deixar de obedecer à lei da materialização dos corpos, tenham eles a natureza que tiverem, sejam de carne, de massa, de pedra.

O fenômeno da materialização tem como complemento o da desmaterialização, e se assenta justamente num princípio positivo proclamado pela ciência materialista, que é a existência, no Universo, da força e da matéria: força e matéria são os princípios constitutivos do Universo. Mas, como está mais que provado que a força e matéria não podem por si sós produzir fenômenos inteligentes, e todo o efeito inteligente deve forçosamente ter uma causa inteligente, o Espiritismo vem demonstrar a existência de Inteligências livres e individualizadas que presidem à direção da força e manipulam a matéria em suas múltiplas manifestações objetivas.

Para todas as obras ocorrentes na vida mundial, precisamos da força e da matéria, sem elas nada podemos produzir, mas ninguém é capaz de afirmar que unicamente a força e a matéria sejam capazes de erguer uma casa, de construir e mover uma máquina, de confeccionar um pão. Para tudo isso não dispensamos a força e a matéria, mas a força e a matéria sem a nossa ação inteligente em qualquer dessas obras, nenhum efeito

teriam. Esta é a verdade capital, e para o que concerne às coisas espirituais, à Metafísica, não podemos deixar de nos basear nos mesmos princípios.

No Universo todo, existe a força e a matéria. Na atmosfera terrestre a força e a matéria se manifestam de modo frisante; no deserto e no monte, nas cercanias do Tiberíades, não podia deixar de haver profusão de força e matéria. A região aérea é provida de todos os elementos de vida que constituem nossos corpos, não há vácuo na Natureza; a própria Natureza não é uma expressão abstrata, mas, sim, a constituição de seres e coisas em suas múltiplas e variadas formas; assim como no Éter existem animálculos visíveis com o auxílio do microscópio mas imperceptíveis aos nossos sentidos limitadíssimos, devem existir diversos corpos orgânicos e inorgânicos, materiais admiráveis, elementos de vida invisíveis que nos deslumbrariam se nos fosse dado vê-los.

O que é a força? O que é a matéria? Vemos a força transformar-se em matéria e a matéria transformar-se em força! Os fenômenos de materialização e desmaterialização dos corpos, constatados por sábios de valor, nas sessões espíritas, não podem mais ser negados por qualquer “príncipe da ciência” nem “pontífice da religião”.

Quem será hoje capaz de assegurar que a força não se condensa transformando-se em matéria, e que a matéria não se rarefaz transformando-se em força!

Mas abordemos de rijo o caso da “multiplicação dos pães”, sem preconceitos e sem temor do ridículo da “ciência oficial”. Encaremos o caso de acordo com as experiências dos mais renomados sábios contemporâneos.

Começemos pelos resultados obtidos por William Crookes. No seu relato na Quaterly Review, órgão da Academia de Ciências da Inglaterra, diz ele ter conseguido da Entidade Espiritual, que lhe proporcionava fenômenos, a introdução da fração dum grão de arsênico através das paredes de um tubo de vidro fechado a fogo, no qual ele havia posto água pura. Numa outra sessão, o espírito de Katie King permitiu que se lhe cortasse um cacho de cabelos, o que foi feito, cabelos que ela materializava e que cresciam em sua cabeça; e ainda noutra permitiu que se lhe cortasse pedaços do vestido que trazia, e a Sra. Marryat, observando que o vestido ficara muito esburacado Q teria necessidade de grandes concertos, ela replicou: "Vou mostrar-vos como trabalhamos no Mundo dos Espíritos:" Ergueu parte de seu vestido e retalhou-o bem com a tesoura, deixando-lhe cerca de quarenta buracos; depois exclamou: “Não é uma bonita peneira?” Estavam perto dela; viram-na então sacudir docemente a sua saia, e logo todos os buracos desapareceram sem subsistir o menor sinal!

Crookes assinala ter cortado uma mecha de cabelos do Espírito de Katie, que conservou por longo tempo.

Enfim, donde vinha o vestido de Katie? Não podia ser do médium, porque ela própria afirmara que do médium só hauria a força vital, portanto, nem sempre ela tirava o seu corpo do médium.

Russel Wallace, que fez experiências transcendentais, também afirma ter verificado produções de ervas e flores que não existiam na Europa. O Espírito as traria da China? É possível, mas neste caso os "pães da multiplicação" também poderiam ter vindo do Egito ou de outro país.

Os meninos Pansini, de Bari, que foram transportados à distância de 45 quilômetros, em 15 minutos, por várias vezes tiveram, no quarto em que se achavam presos, grande quantidade de doces, confeitos e bombons de todas as qualidades e trazidos, todos esses doces, por mãos invisíveis, sem que se soubesse como nem donde.

Seriam feitos pelos espíritos? Seriam tirados de elementos atmosféricos, ou seriam transportados de alguma confeitaria? Não se sabe, mas sabe-se que os doces aí apareciam, como por encanto!

Inúmeros são os casos de produções, por Espíritos, de matérias comestíveis. Só os desconhece aquele que não estuda e não acompanha o Movimento Espírita, que se manifesta no mundo inteiro.

Seria então ousada, como hipótese de trabalho, a afirmação de ter Jesus, com a colaboração de seus auxiliares espirituais e a dos seus discípulos, que eram médiuns, materializado, confeccionado pães, com os elementos da Natureza ao seu alcance? E se essa hipótese não se verificasse, no caso vertente não se poderia, em face dos fenômenos de transportes, cuja realidade é proclamada hoje em todos os países do mundo, afirmar que os ‘ pães da multiplicação’ foram também transportados para alimentar a multidão faminta que, naquela ocasião, seguia o Mestre, arrebatada pelas consoladoras esperanças que Ele a todos proporcionara?

Onde está o milagre, onde está o impossível na efetivação desse fenômeno?

Se a “multiplicação dos pães” fosse o fato único relatado na História, poder-se-ia ainda conceber a negação; contudo, fenômenos mais ou menos semelhantes são narrados por pessoas de valor e experimentadores insuspeitos, merecendo a aceitação dos psicólogos que estudam e pesquisam a vida em sua oculta fase espiritual.

Há pouco o sr. W. Asano, presidente da Sociedade Japonesa de Ciência Psíquica, fez, no Congresso Internacional Espírita, uma comunicação bem interessante sobre um velho analfabeto de mais de sessenta anos, que mora no Condado de Ysé. Aos nove anos fizeram-no discípulo dum Tengu (um Espírito, ser misterioso do plano astral). De vez em quando esse Tengu o visita e o leva em viagem a diferentes lugares.

Ele diz que em companhia desse ser super-humano pode percorrer várias centenas de milhas sem se cansar e em pouquíssimo tempo. E acrescenta que esse estranho ser muitas vezes lhe dá vários objetos, livros, pergaminhos, ou então ofertas para o santuário, como bolos de arroz, peixes secos, frutas, doces, etc.

Deixamos de fazer referência aos casos narrados nas Escrituras a tal respeito, convidando os leitores a estudá-los para uma perfeita compreensão do fenômeno.

Encarando o fato pelo lado moral, poder-se-ia fazer dele uma parábola demonstrativa dos poderes de Jesus e das regalias que o Mestre oferece a quem desinteressadamente o segue.

Com efeito, só com Jesus teremos tudo o de que precisamos neste mundo, e ainda mais, os talentos e as minas concedidas como premissas para aquisição da felicidade no outro mundo.

O ínclito orador lusitano, que perlustrou o solo brasileiro, num dos seus sermões, diz: “Quereis ter pão? Quereis tê-lo em abundância? Segui a Jesus.”

E o meio mais consentâneo com o espírito da religião, é aconselhar a todos os que sofrem e estão famintos, seguirem a Jesus.

Assim como o Mestre multiplicou, no deserto, os pães e os peixes, e saciou a multidão faminta, recolhendo-se ainda da sobra muitos cestos de pedaços de pães e de peixes, assim continuará Ele a fazer aos que buscarem a sua Palavra, aos que lhe obedecerem aos preceitos, aos que tomarem vivo interesse pelo seu próprio progresso espiritual.

De duas naturezas eram os pães que Jesus ofertou à multidão, que, pressurosa, seguia seus passos: o pão para o corpo e o pão para a alma, o pão que sacia a fome do espírito.

Eleve-nos em reconhecimento e gratidão pelas muitas graças que cotidianamente dEle vamos recebendo e não nos esqueçamos de que bem-aventurado não será só o que ouviu a Palavra do Evangelho, mas sim o que a puser em prática.

O LIVRO DOS EVANGELHOS

Emídio Silva Falcão Brasileiro

PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

MATEUS 14: 15 – 21

MARCOS 6: 35 -44

LUCAS 9: 12 -17

JOÃO 6:5 – 13

5.31. Chegada à tarde, sendo a hora já muito avançada, o dia começava a declinar. Então, levantando Jesus os olhos e vendo a grande multidão que vinha ter com ele, disse a Felipe “Onde compraremos pão para que eles comam?”

Mas dizia isso para experimentá-lo, porque sabia o que iria fazer.

Respondeu-lhe Felipe:

“Duzentos denários de pão não lhes bastariam para que cada um recebesse um pedaço”.

Aproximaram-se de Jesus os doze discípulos e lhe disseram:

“O lugar é deserto e a hora está avançada. Despede a multidão, para que indo às aldeias e sítios vizinhos, se hospedem e possam comprar para si o eu comer”.

Mas Jesus lhes disse:

“Não é necessário que eles se retirem. Dai-lhes vós mesmos de comer”.

Disseram-lhes eles:

“Iremos comprar duzentos denários de pão para lhes dar de comer?”

Mas ele lhes perguntou:

“Quantos pães tendes? Ide ver”.

Um de seus discípulos, André, irmão de Pedro, disse-lhe:

“Há aqui um menino, que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos, mas que é isso para tantos?”

Disse Jesus:

“Trazei-os aqui. E fazei assentar o povo por grupos de uns cinquenta”.

Assim fizeram, e todos se acomodaram sobre a relva verde.

Havia muita relva naquele lugar, e os homens sentaram-se, em grupos de cem e de cinquenta, em número de cerca de cinco mil, sem contar as mulheres e as crianças.

Tomou, então, Jesus os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos ao céu, deu graças, os abençoou, partiu-os e deu aos discípulos para que os distribuíssem à multidão. E do mesmo modo repartiu também os dois peixes, entre todos, tanto quanto quiseram. Todos comeram e ficaram saciados.

Depois de saciados, disse Jesus a seus discípulos:

“Recolhei os pedaços que sobraram para que nada se perca”.

E eles os recolheram e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada e de peixes, que foram deixados de sobra pelos que se alimentaram.

O PASSE ESPÍRITA

Luiz Carlos De M. Gurgel

Prefácio §5

O passe espírita é um gesto de doação e um impulso de compreensão e amor. No maravilhoso episódio evangélico da multiplicação. Jesus indaga quantos pães têm seus discípulos para alimentar a multidão de pessoas naturalmente famintas. Os discípulos tinham apenas sete pães. Mas tinham sete pães.

Jesus recolhe os pães, reparte-os, multiplica-os prodigiosamente, a todos alimenta e sobejam ainda sete cestos repletos.

Teria o Mestre conseguido tanto, se não pudesse contar com recurso algum? — indaga o mais delicado e exato hermeneuta do Evangelho, o Espírito Emmanuel. É necessário compreender que não teria. Daí — conclui — o impositivo de nossa cooperação. Oferecemos migalhas — as migalhas que temos (é necessário que as ofereçamos), e nos transformamos em parceiros. Não pode haver consolação maior.

Humberto Costa Vasconcelos

OS MILAGRES DE JESUS

MINIMUS

XII

Os meus amiguinhos já ouviram dizer que Jesus, certa vez, em lugar afastado da cidade, rodeado de mais de cinco mil pessoas, que o acompanhavam para que ele as curasse, multiplicou cinco pães e dois peixes, saciando a fome de toda aquela gente?

— Essa fato, narrado pelos quatro evangelistas, no qual uns acreditam como se fora artigo de fé, enquanto outros, por fingimento e por não o poderem negar, foi, através dos séculos, repellido e negado pelos que se encastelam na embrionária ciência humana, que costuma negar o que não lhe é possível compreender e explicar pelos seus conhecimentos acadêmicos.

Graças a Deus, porém, o fenômeno é hoje compreendido e todos reconhecemos a sua realidade .

Jesus tinha a auxiliá-lo uma multidão de seres invisíveis, Espíritos muito mais adiantados que aqueles que, em nossas sessões experimentais, conseguem formar, com fluidos selecionados, pequenos objetos materiais ou transportar flores e outras coisas, de lugares afastados para o da reunião dos pesquisadores.

Muito tempo depois, quando já se achava esquecido o fenômeno de que tratamos, Jesus o repetiu, da mesma forma, multiplicando sete pães e alguns peixinhos, para novamente saciar a fome de cerca de quatro mil pessoas.

Mais tarde ainda, recordando aos seus discípulos esses dois fatos, que por eles não haviam sido compreendidos, censurou-os porque continuavam a preocupar-se com o não terem levado pães para a excursão que faziam.

Nos dias atuais, meus amiguinhos, o mesmo acontece: Os homens se esquecem rapidamente da graça que receberam, e não somente assim procedem, como também se afastam, muitas vezes, do Consolador que os socorreu.

Como somos ingratos, meus filhos!

PONTOS E CONTOS

FCX – Irmão X

1

O PROGRAMA DO SENHOR

À frente da turba faminta, Jesus multiplicou os pães e os peixes, atendendo à necessidade dos circunstantes.

O fenômeno maravilhou.

O povo jazia entre o êxtase e o júbilo intraduzíveis.

Fora quinhoodo por um sinal do Céu, maior que os de Moisés e Josué.

Frêmito de admiração e assombro dominava a massa compacta.

Relacionavam-se, ali, pessoas procedentes das regiões mais diversas.

Além dos peregrinos, em grande número, que se adensavam habitualmente em torno do Senhor, buscando consolação e cura, mercadores da Idumeia, negociantes da Síria, soldados romanos e cameleiros do deserto ali se congregavam em multidão, na qual se destacavam as exclamações das mulheres e o choro das criancinhas.

O povo, convenientemente sentado na relva, recebia, com interjeições gratulatórias, o saboroso pão que resultara do milagre sublime.

Água pura em grandes bilhas era servida, após o substancioso repasto, pelas mãos robustas e felizes dos apóstolos.

E Jesus, após renovar as promessas do Reino de Deus, de semblante melancólico e sereno contemplava os seguidores, da eminência do monte.

Semelhava-se, realmente, a um príncipe, materializado, de súbito, na Terra, pela suavidade que lhe transparecia da fronte excelsa, tocada pelo vento que soprava, de leve...

Expressões de júbilo eram ouvidas, aqui e ali.

Não fornecera Ele provas de inexcedível poder? não era o maior de todos os profetas? não seria o libertador da raça escolhida?

Recolhiam os discípulos a sobra abundante do inesperado banquete, quando Malebel, espadaúdo assessor da Justiça em Jerusalém, acercou-se do Mestre e clamou para a multidão haver encontrado o restaurador de Israel. Esclareceu que conviria receber-lhe as determinações, desde aquela hora inesquecível, e os ouvintes reergueram-se, à pressa, engrossando fileiras, ao redor do Messias Nazareno.

Jesus, em silêncio, esperou que alguém lhe endereçasse a palavra e, efetivamente, Malebel não se fez rogado.

— Senhor — indagou, exultante —, és, em verdade, o arauto do novo Reino?

— Sim — respondeu o Cristo, sem titubear.

— Em que alicerces será estabelecida a nova ordem? — prosseguiu o oficial do Sinédrio, dilatando o diálogo.

— Em obrigações de trabalho para todos.

O interlocutor esfregou o sobrecenho com a mão direita, evidentemente inquieto, e continuou:

— Instituir-se-á, porém, uma organização hierárquica?

— Como não? — acentuou o Mestre, sorrindo.

— Qual a função dos melhores?

— Melhorar os piores.

— E a ocupação dos mais inteligentes?

— Instruir os ignorantes.

— Senhor, e os bons? Que farão os homens bons, dentro do novo sistema?

— Ajudarão aos maus, a fim de que estes se façam igualmente bons.

— E o encargo dos ricos?

— Amparar os mais pobres para que também se enriqueçam de recursos e conhecimentos.

— Mestre — tornou Malebel, desapontado —, quem ditará semelhantes normas?

— O amor pelo sacrifício, que florescerá em obras de paz no caminho de todos.

— E quem fiscalizará o funcionamento do novo regime?

— A compreensão da responsabilidade em cada um de nós.

— Senhor, como tudo isto é estranho! — considerou o noviço, alarmado — desejarás dizer que o Reino diferente prescindirá de palácios, exércitos, prisões, impostos e castigos?

— Sim — aclarou Jesus, abertamente —, dispensará tudo isso e reclamará o espírito de renúncia, de serviço, de humildade, de paciência, de fraternidade, de sinceridade e, sobretudo, do amor de que somos credores, uns para com os outros, e a nossa vitória permanecerá muito mais na ação incessante do bem com o desprendimento da posse, na esfera de cada um, que nos próprios fundamentos da Justiça, até agora conhecidos no mundo.

Nesse instante, justamente quando os doentes e os aleijados, os pobres e os aflitos desciam da colina tomados de intenso júbilo, Malebel, o destacado funcionário de Jerusalém, exibindo terrível máscara de sarcasmo na fisionomia dantes respeitosa, voltou as costas ao Senhor, e, acompanhado por algumas centenas de pessoas bem situadas na vida, deu-se pressa em retirar-se, proferindo frases de insulto e zombaria...

O milagre dos pães fora rapidamente esquecido, dando a entender que a memória funciona dificilmente nos estômagos cheios, e, se Jesus não quis perder o contacto com a multidão, naquela hora célebre, foi obrigado a descer também.

REVISTA ESPÍRITA 1859

Allan Kardec

AGOSTO 1859 – 1º Artigo item 13

OBSERVAÇÃO: Um fato desse gênero será encontrado com a explicação teórica muito interessante no artigo que damos a seguir sob o título **Um Espírito Serviçal**.

14.— Assim também poderia ele fazer uma substância ali- , mentar; suponhamos que tivesse feito um fruto, um petisco qualquer. Poderia alguém comê-lo e sentir-se alimentado?

— Sim, sim. Mas não procureis tantas coisas para encontrar aquilo que é fácil de compreender. Basta um raio de sol para tornar perceptíveis aos vossos órgãos grosseiros essas partículas materiais que encham o espaço em cujo meio viveis. Não sabeis que o ar contém vapor d'água? Condensai-o e o levareis ao estado normal. Privai-o do calor e eis que suas moléculas impalpáveis e invisíveis se tornarão corpo sólido e muito sólido. Outras matérias existem que levarão os (mímico** a vos apresentar maravilhas ainda mais assombrosas. Só o Espírito possui instrumentos mais perfeitos que os vossos: a sua própria vontade e a permissão de Deus.

OBSERVAÇÃO: A questão da saciedade é aqui muito importante. Como uma substância que tem apenas existência e propriedades temporárias e, de certo modo, convencionais, pode produzir a saciedade? Por seu contato com o estômago, essa substância produz a sensação de saciedade, mas não a saciedade resultante da plenitude. Se uma tal substância pode agir sobre a economia orgânica e modificar um estado mórbido, também pode agir sobre o estômago e produzir a sensação de saciedade. Contudo, pedimos aos senhores farmacêuticos e donos de restaurantes que não tenham ciúmes, nem pensem que os Espíritos lhes venham fazer concorrência: esses casos são raros e excepcionais e jamais dependem da vontade. Do contrário a alimentação e a cura seriam muito baratas.

SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO

MÍNIMUS

A PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

(Mat. 14:13 a 21; Mar., 6:30 a 44; Luc., 9:10 a 17; Jo., 6:1 a 14)

Reunindo-se os apóstolos com Jesus, contaram-lhe tudo quanto haviam feito e ensinado. Disse-lhes ele: “Vinde, sozinhos, a um lugar solitário, e descansai um pouco” — pois eram muitos os que vinham e iam, e nem tinham tempo para comer. Então partiram numa barca para um lugar deserto; muitos, porém, os viram partir e os reconheceram e, assim, correram para lá, a pé, de todas as cidades, e ali chegaram antes deles. Jesus, ao desembarcar, levantando os olhos e vendo que grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: — “Onde compraremos pão para lhes dar de comer?” — Isso dizia para os experimentar, porque ele sabia o que ia fazer. Respondeu-lhe Filipe: — Duzentos denários de pão não bastam para que cada um receba um pouco. Como a hora fosse já adiantada, chegaram-se a ele seus discípulos, dizendo: — Este lugar é deserto, e já é muito tarde; despede-os para que procurem os sítios e as aldeias circunvizinhas e comprem que comer. Mas Jesus lhes respondeu : — “Dai-lhes vós de comer”. — Replicaram eles: — Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes. Respondeu-lhes Jesus: — “Trazemos cá”. E então mandou aos discípulos que a todos fizessem sentar em grupos sobre a relva verde, e todos se sentaram em turmas de cem e de cinquenta pessoas. Em seguida, tomou Jesus os cinco pães de cevada e os dois peixes, pertencentes a um rapaz, e,

erguendo os olhos ao céu, deu graças, partiu os pães e entregou-os aos discípulos para os distribuírem; e repartiu igualmente os dois peixes. Depois de saciados, disse Jesus aos discípulos: — “Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca”. Assim os recolheram e encheram doze cestos de pedaços de pão e de peixe. — Os que comeram os pães, foram cerca de cinco mil homens, além de mulheres e crianças. E o povo, vendo aquele sinal, dizia: — Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo (1).

(1) A multiplicação dos pães foi conseguida pelo conhecimento que Jesus possuía das leis dos fluidos, já hoje mais ou menos vislumbradas.

UM NOVO OLHAR SOBRE O EVANGELHO

Beatriz P. Carvalho

PRIMEIRA E SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO DE PÃES: MC 6,36-44

Vamos colocá-las juntas porque aconteceram de modo semelhante, e existem dúvidas se realmente foram duas, ou se Mateus e Marcos anotaram cada um a descrição do outro, duplicando o fato, uma vez que Lucas e João anotaram uma só.

"Despede-os, (a multidão) para que vão aos lugares e aldeias circunvizinhas, e comprem pão para si; porque não têm que comer. Ele, porém, respondendo, lhes disse: Dai-lhes vós de comer. E eles disseram-lhe: Iremos nós, e compraremos duzentos dinheiros de pão para lhes darmos de comer? E ele disse-lhes: Quantos pães tendes? Ide ver. E, sabendo-o eles disseram: Cinco pães e dois peixes. E ordenou-lhes que fizessem assentar a todos, em ranchos, sobre a erva verde. E assentaram-se repartidos de cem em cem, e de cinquenta em cinquenta. E tomando ele os cinco pães e os dois peixes, levantou os olhos ao céu, abençoou e partiu os pães, e deu-os aos seus discípulos para que os pusessem diante deles. E repartiu os dois peixes por todos: E todos comeram e ficaram fartos; E levaram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe. E os que comeram os pães eram quase cinco mil homens."

A natureza deste acontecimento, e até se houve ou não, realmente, a materialização de pães, é duvidosa. Pode ter sido relatado como uma figura simbólica, em que a verdadeira mensagem estava ligada à capacidade de Jesus em nutrir espiritualmente enormes multidões.

Mas, torna-se difícil afirmar ou não, diante das palavras finais do evangelista, que afirma terem sido recolhidos doze cestos de pedaços de pão e peixe, após todos terem comido e ficado fartos.

UMA ANÁLISE CRÍTICA DA BÍBLIA

C.G.S.Shalders

MATEUS, XIV

— Neste capítulo é narrado o milagre de Jesus dar de comer a "cinco mil homens, sem falar em mulheres e meninos". Não duvido do milagre, mas duvido, e muito, do

número. O lugar era deserto. Reunir tanta gente em lugar deserto, incluindo mulheres e meninos, em tempo quando não havia condução, só porque ouviram que Jesus havia tomado uma barca, partindo para outra banda do lago, não é crível; e donde surgiu tanta gente? O fato é narrado dezenas de anos após a morte de Jesus, e a sua notícia transmitida de boca em boca havia sido exagerada naturalmente. Quinhentas pessoas já seria um grande número_ e em nada diminui a essência do milagre. No capítulo XV Jesus torna a dar de comer a uma multidão, desta vez a "quatro mil homens, fóra meninos e mulheres". Aqui acresce a circunstância de que essa multidão havia três dias que seguia a Jesus. É crível que quatro mil homens permanecessem fora de seus lares durante três dias, acompanhando a Jesus, e só no fim de três dias Jesus os despedisse, depois de lhes dar o que comer? É preciso notar que esses dois milagres foram escritos após quarenta anos depois da morte de Jesus. Vistos através de tantos anos os fatos pareceram maiores do que foram.

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução §8

Generalidade e concordância no ensino, tal é a característica essencial da Doutrina, a própria condição de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle e da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma Doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

Cap. 1 – Caráter da Revelação Espírita

50. A terceira revelação — vinda em uma época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver onde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e da livre verificação. Os espíritos só ensinam exatamente o que é preciso para ajudar a compreender a verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter o todo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Eles lhe dão o princípio e os materiais, para que tire proveito deles e os ponha em ação.

51. Sendo os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos níveis de instrução, é evidente que as observações não poderiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar delas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em resumo, a conclusão que deveria determinar as ideias, teria de sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo, frequentemente, apenas uma espécie particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórios, tendo ligação geralmente com uma mesma categoria de espíritos, e, além do mais, embaraçado pelas influências locais e partidarismos, achava-se

na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de combinar as observações isoladas em um princípio comum. Cada um apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos espíritos que se manifestam, logo surgiriam tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum poderia ser considerado completo, por falta de elementos de comparação e avaliação. Em uma palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, acreditando deter toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Por outro lado, deve-se observar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de uma forma completa. Ele atinge um número tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que exigem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que foi impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. A necessidade de o ensino ser coletivo e não individual, levou os espíritos a dividirem o trabalho, disseminando os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diversos operários. Assim, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda hoje, uma vez que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra, nos demais, o complemento do que ele obtém, e foi do conjunto, da coordenação de todos os ensinamentos parciais que a Doutrina Espírita se constituiu. Era, pois, necessário agrupar os fatos isolados para ver sua correlação, reunir os diversos documentos e as instruções dadas pelos espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisá-las e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Como as comunicações eram dadas por espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e as isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos espíritos; as utopias, das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e pela lógica sã; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos espíritos, mesmo os de baixa categoria, para o conhecimento da situação do mundo invisível, e disso formar um todo homogêneo. Em uma palavra, era preciso um centro de elaboração, isento de qualquer ideia preconcebida, de qualquer sectarismo, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que contrária às suas opiniões pessoais. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e sem premeditação.

53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, e as outras retornando do centro para a periferia. Foi assim que a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde se originou; e que os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, em razão do seu isolamento diante do ascendente da opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de ideias se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam, de um extremo a outro do mundo. Os espíritas sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não se viram mais isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os unia à grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas não mais lhes pareceram estranhos, anormais ou contraditórios quando puderam associá-los às leis gerais de harmonia, abranger de um só golpe de vista todo o plano, e ver, em todo esse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.